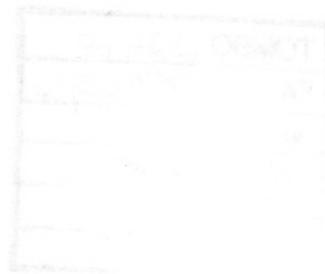


MARIA LUCIANA TELES DE OLIVEIRA



A GÍRIA DOS INTERNOS DA FEBEM

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Doutor Dino Preti.

Biblioteca
Nadir Gouvêa Kfoun
PUC/SP

Biblioteca MA - PUC/SP



100162263

Mestrado em Língua Portuguesa
PUC/SP
2006

Agradeço

A Deus

Aos meus

[Handwritten signature]

Ao meu

[Handwritten signature]

Dino Preti

Aos meus

[Handwritten signature]

Autoreza exclusivamente para fins de reprodução e circulação eletrônica. Esta obra não pode ser reproduzida sem a autorização prévia do autor.

Assinatura: _____ e data: _____

Agradeço

A Deus;

Aos meus pais - Osório e Socorro;

Às minhas irmãs - Ana, Cristina e Raquel;

Ao meu orientador - professor doutor Dino Preti;

Aos meus professores;

Às minhas amigas - Ana Cristina, Letícia e Regina.

À minha querida avó, Maria do Ó,
dedico este trabalho.

RESUMO

Este é um trabalho sobre a linguagem gíria empregada pelos internos da FEBEM. Nosso objetivo é verificar a relação existente entre a vida do interno e seu vocabulário.

Neste trabalho fazemos uma análise do grupo marginal formado pelos internos da FEBEM com o intuito de verificar de que maneira os internos se relacionam e como essa relação influencia diretamente a linguagem que utilizam.

Por ser a gíria uma forma de expressão cultural de um determinado grupo, acreditamos que seja de extrema importância o estudo dessa linguagem restrita, formada a partir do conflito estabelecido por um grupo fechado com a sociedade, pois, por meio dessa linguagem, os membros do grupo descarregam suas emoções e atacam a comunidade maior.

ABSTRACT

This is a work about the vocabulary – a special one – a slang – that is used by the internals of FEBEM.

The slang is a cryptology extracted from common lexis and therefore those words group became part of the vocabulary of one group only. Our aim is to verify the relation between their life and their specific vocabulary.

We made an analysis of this marginal group formed upon the internals of FEBEM with the aim to verify how they relationship with each other and how this relationship influence directly on the way they express themselves.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. O CORPUS	04
2. OS GRUPOS SOCIAIS	08
2.1 Grupos primários	10
2.2 Grupos marginais	12
2.2.1 A internação	15
2.3 Um novo grupo: os novos companheiros	20
3. A GÍRIA	24
3.1 O grupo marginal e a gíria	26
4. PROCESSO DE FORMAÇÃO DA GÍRIA	31
4.1 Empréstimo de língua estrangeira	31
4.2 Deformação dos significantes	32
4.3 Metáforas	34
4.4 Composição por redução de expressões (siglas gírias)	36
4.5 Polissemia	37
4.6 O processo de formação das gírias empregadas pelos internos da FEBEM	40

5. CAMPOS LEXICAIS	54
5.1 Espaço	57
5.2 Alimentação	61
5.3 Interno	63
5.4 Policial	70
5.5 Funcionário	71
5.6 Armas	73
5.7 Torturas/punições	75
5.8 Brincadeiras	77
5.9 Ato de mentir	79
5.10 Atividade sexual	80
5.11 Homossexualidade	82
6. OS INTERNOS DA FEBEM E A GÍRIA	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu em 2004, quando tivemos a oportunidade de atuar como docente em língua portuguesa, na unidade de internação 27, da Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM), do Complexo Raposo Tavares.

No período em que realizamos nosso trabalho na FEBEM, observamos o comportamento dos internos, as atividades e cursos que freqüentavam, a relação que mantinham com funcionário, direção, técnicas, psicólogas e professores. Esse contato com os internos permitiu, ainda, que conhecêssemos o vocabulário específico empregado pelo grupo de infratores para descrever o mundo que o cerca.

Durante o desenvolvimento desse estudo, nosso problema fundamental será determinar como esse vocabulário se reflete no estilo de vida na FEBEM.

Neste trabalho, portanto, propomo-nos a realizar um estudo sobre o uso do vocabulário gírio pelos internos da FEBEM. O objetivo é verificar a relação entre a vida do interno e seu vocabulário.

Por ser a gíria uma forma de expressão cultural de um determinado grupo, acreditamos que seja de extrema importância o estudo dessa linguagem restrita, formada a partir do conflito estabelecido por um grupo fechado com a sociedade, pois, por meio dessa linguagem, os membros do grupo descarregam suas emoções e atacam a comunidade maior.

A nossa dissertação será desenvolvida a partir do estudo dos grupos que compõem a sociedade, da análise do vocabulário gírio empregado pelos internos da FEBEM e da relação existente entre os menores infratores e a gíria.

O trabalho será introduzido com um capítulo sobre o *corpus* colhido. Nele, esclareceremos de que maneira nossa pesquisa foi realizada, as dificuldades que vivenciamos durante a realização e os problemas que muitos internos encontram quando ingressam na instituição .

No capítulo dois discutiremos algumas definições para grupos, apresentadas por diferentes autores. No decorrer do capítulo, estudaremos o grupo primário, ou seja, aquele em que o indivíduo mantém mais afinidade com seus membros. Buscaremos mostrar de que maneira os internos se relacionam e as dificuldades que enfrentam para se relacionar com o novo grupo. Ainda, nesse capítulo, trataremos do grupo marginal enquanto grupo primário de seus integrantes. Nele veremos que o indivíduo, para ser aceito como integrante do grupo, muitas vezes, obedece imposições de normas que, em outras circunstâncias, repudiariam.

Depois de conhecermos os grupos marginais, falaremos a respeito do grupo formado pelos internos da FEBEM. Observaremos que ele é formado por indivíduos que praticaram atos ilícitos e seus integrantes possuem cultura e costumes diferentes.

No capítulo três trataremos do fenômeno lexical empregado pelos internos da FEBEM, ou seja, a gíria. Mostraremos que esse vocabulário é uma variação da linguagem comum, usado pelo grupo com algumas alterações.

O capítulo quatro será centrado no processo de formação do vocábulo gírio, que não difere do processo de formação da linguagem comum. Nele observaremos os empréstimos de língua estrangeira; a deformação do significante por alongamentos tipicamente gírios, por apócope, por alteração do radical; as metáforas relacionadas ao corpo humano, aos bichos, sensitivas, humorísticas; composição por redução de expressões e o fenômeno da polissemia.

No capítulo cinco, estudaremos os vocábulos empregados pelos internos da FEBEM de acordo com os campos lexicais em que estão inseridos. Nele, tentaremos verificar de que maneira o mundo dos internos é refletido na linguagem que empregam.

No capítulo seis, “Os internos da FEBEM e a gíria”, tentaremos estabelecer a relação existente entre a vida na instituição e o vocabulário. Estudaremos algumas cartas e bilhetes dos internos da FEBEM para observar o uso da gíria na escrita do grupo.

Nos anexos incluiremos o questionário aplicado no início das pesquisas, as correspondências que utilizaremos no último capítulo e um glossário do léxico colhido.

1 - O CORPUS

A FEBEM é uma fundação que visa ao bem-estar do menor e diferentemente do que é explorado pela imprensa, permite que os internos participem de cursos profissionalizantes (culinária, garçom, fabricação de copos e garrafas, montagem de micro-computadores etc) oferecidos dentro e fora da instituição. Além desses cursos, os internos também praticam musculação, natação e freqüentam a escola com aulas de acordo com o currículo proposto pelo MEC. Nosso interesse em estudar *gíria de grupo* surgiu quando tivemos a oportunidade de lecionar para os internos dessa instituição.

Em nosso contato diário com este público percebemos que, embora os menores utilizassem muitas gírias que já conhecíamos quando conversavam conosco, as palavras por eles utilizadas, em determinados momentos, eram totalmente incompreensíveis por quem não fizesse parte do grupo.

Expressamos a eles nosso interesse em realizar um estudo sobre a linguagem que utilizavam. Inicialmente, apenas dois alunos aceitaram nos ajudar, pois o grupo acreditava que nossa intenção era elaborar um dicionário de gíria para que os “boys”¹, que, segundo eles, desejam conhecer a linguagem que utilizam, pudessem comprá-lo. No entanto, após a supervisão de alguns internos, que julgamos ser os líderes da unidade ou seus “subalternos”, outros também aceitaram conversar sobre o trabalho que realizávamos. Esclarecemos-lhes, então, que nosso objetivo era pesquisar sobre o vocabulário gírio e não criar um dicionário.

Dividimos o trabalho em etapas: entregamos, a alguns internos, uma lista de palavras relacionadas à vida que levam para que dissessem que termos gírios

¹ Forma como designam os garotos mais privilegiados financeiramente do que eles.

usam para designar suas atividades e objetos. Depois de tudo registrado, comparávamos as palavras para observar a existência de diferenças. Quando isto ocorria, novamente conversávamos com o grupo para que esclarecessem nossas dúvidas.

Em outro momento, internos e professores assistiram ao documentário “História de uma guerra particular”, sobre a violência como consequência do uso de drogas. Em seguida, discutimos os depoimentos apresentados e, no decorrer da discussão, quando alguma palavra desconhecida por nós era utilizada (o que ocorria freqüentemente) registrávamos e, ao final, perguntávamos o significado. Alguns significados eram ditos tranqüilamente, enquanto outros, por considerarem desrespeitosos, os internos negavam-se a dizer.

Aplicamos, também, um questionário² com o intuito de conhecermos melhor nossos informantes e elaborar o perfil deles. De posse dessas informações, concluímos que nossos informantes têm entre quinze e dezoito anos de idade e muitos deles nunca cumpriram pena em outra unidade da FEBEM. Seus delitos variam entre tráfico de drogas, latrocínio, roubo, assassinato e seqüestro. Verificamos que os internos relacionam filhos a virilidade masculina e, portanto, a maioria deseja se tornar pai.

Dentro da unidade, os internos mais bem vistos são os traficantes de drogas, enquanto o estuprador é o mais rejeitado. A rejeição é tão intensa que o estuprador é mantido em uma cela separada, denominada seguro³, para não ser morto.

² Anexado.

³ Por se considerar que ali o menor estará protegido de outros internos. No entanto, em uma rebelião, esse é feito refém e, muitas vezes, morto.

Um outro tipo de interno que também sofre muita rejeição é o homossexual. Para os internos, mesmo o garoto que foi violentado é considerado homossexual e merece a punição imposta por eles, ou seja, a morte.

Quando um novo interno chega à unidade, é submetido a um interrogatório feito por seus novos companheiros para que decidam se ele pode ou não fazer parte do grupo. Caso não revele as condições necessárias, há a intervenção do monitor que o coloca em uma cela separada, o seguro. O novo interno também deve enfrentar seu novo grupo como homem⁴ e não permitir que o violentem, pois, se isso ocorrer, possivelmente, será morto pelos companheiros. Para eles, o homem pode perder a vida mas, em momento algum, deve “deixar de ser homem”.

Durante nossa pesquisa, vários fatos nos obrigaram a interrompê-la. O primeiro e mais difícil foi uma rebelião na unidade vinte e oito do complexo Raposo Tavares que abriu um precedente na história da FEBEM: professores foram feitos reféns e levados ao telhado. Este fato fez com que todos nós, professores das cinco unidades, nos recusássemos a entrar em sala de aula até que nos garantissem condições mínimas de segurança.

Depois deste fato, percebemos que conhecer com profundidade o vocabulário do nosso grupo de trabalho é importante, principalmente por uma questão de segurança, pois foi usando as gírias que os internos começaram a rebelião. Os professores, sem entender o que diziam, não souberam o que fazer.

Seis dias após esta rebelião, alguns internos da unidade vinte e sete conseguiram fugir, sendo recapturados logo em seguida, já que a tropa de choque

⁴ Se o interno foi molestado enquanto criança ou foi violentado por um outro interno, é considerado homossexual e, para eles, não é mais homem.

da FEBEM, a “choquinho”, estava de prontidão. Ao serem encaminhados de volta para seus dormitórios, os internos tentaram fazer uma rebelião, mas foram controlados. Com tudo isto, foram trancados em seus quartos sem qualquer contato com o mundo externo.

Nessa mesma semana, foram transferidos, aproximadamente, cento e cinquenta internos da unidade trinta e sete para que recebêssemos cem internos RGG⁵ de Franco da Rocha. Por serem considerados infratores muito perigosos, o contato com o mundo externo é bastante restrito, o que não permite que estendamos nossa pesquisa nessa unidade.

Quando, finalmente, pudemos manter contato com os menores, embora agissem como se nada houvesse acontecido e nos tratassem com todo respeito e carinho, o clima de tensão e insegurança permaneceu entre os professores.

Diante das dificuldades encontradas para mantermos contato com os internos de outras unidades e frente aos problemas apresentados, nossa pesquisa ficará centrada apenas nas gírias de grupo utilizadas pelos internos da unidade vinte e sete, do complexo Raposo Tavares.

Nosso *corpus* foi colhido durante o período que corresponde aos meses de março e abril de 2004, com cerca de cinquenta informantes. Recolhemos cento e cinquenta vocábulos gírios, utilizados por eles e seus companheiros nas mais diversas situações do dia-a-dia.

⁵ Reincidente grave gravíssimo.

2 - OS GRUPOS SOCIAIS

Em uma sociedade encontramos diferentes grupos formados por indivíduos com idéias, gostos, ideais semelhantes. O estudo da maneira como os integrantes de um determinado grupo interagem permite-nos identificar de que forma as relações ocorrem e como seus membros enxergam o mundo que os cercam. Portanto, faremos um estudo sobre a relação de interação dos grupos sociais primários e, principalmente, do grupo marginal.

Para entendermos o significado de grupo, recorreremos aos estudos realizados por Horton & Hunt (cf. 1983:128) que verificaram a presença de diversos conceitos de grupos para as várias ciências que os estudam. Para a Sociologia o conceito do termo “denota qualquer reunião física de pessoas”, ou seja, a proximidade física é que formaria um grupo. Ainda, de acordo com essa ciência, um grupo pode ser formado por pessoas com características comuns como pertencer à mesma classe profissional, faixa etária, sexo, classe social etc.

Partilhar “de padrões organizados de interação recorrente” também formaria uma concepção de grupo e, neste caso, estariam a família, a “panela” de amizades, as organizações religiosas e clubes. A definição, nesta categoria, exigiria uma “espécie de contato coletivo entre pessoas que interagem repetidamente, consoante algum padrão de procedimentos e relacionamentos costumeiros”.

Existe um conceito que acreditamos definir melhor o termo grupo. A acepção nos é apresentada como aquela em que as pessoas possuem “consciência de filiação e interação”. Olmsted (1970:12) escreve:

Um grupo pode ser definido como pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo significativamente importante em comum.

O agrupamento de pessoas, então, receberia o conceito de grupo não pela consciência de pertencer ao mesmo sexo, ter o mesmo ancestral ou pertencer à mesma organização religiosa etc, mas sim pela consciência de que seus participantes têm algo em comum que os distingue dos demais.

Os grupos, então, são formados pela necessidade presente em todos os indivíduos de conviver com pessoas que apresentem ideais comuns, que ajam de maneira semelhante.

Por haver interesses diversos, gostos e idéias que divergem encontramos em uma mesma sociedade diferentes tipos de grupos, formados a partir de semelhanças entre os indivíduos que visem ao interesse comum. As pessoas que dele participam apresentam objetivos claros, bem determinados e juntas buscam meios de atingi-los:

Não é só a sociedade que está interessada na formação de grupos especiais... também o indivíduo, por sua parte, encontra prazer nisso, porque a anarquia lhe é penosa. Ele também sofre diante da desordem que surge quando as relações interindividuais não são submetidas a nenhuma influência reguladora. Não é conveniente para o homem viver em pé de guerra no meio de seus companheiros mais próximos. A sensação de hostilidade geral, de desconfiança mútua resultante disso, as tensões que suscita, são estados penosos quando crônicos... A vida comum tanto é atraente quanto coercitiva... Quando indivíduos, que compartilham interesses comuns, se associam, não o fazem só para defender seus interesses, mas também pela associatividade em si mesma, isto é, para não se sentir perdido entre seus adversários, para ter o prazer da comunidade, para ser um entre muitos, em síntese, viver juntos a mesma vida mora. (Durkheim apud Olmsted, 1970:50-1)

O grupo, portanto, por permitir que o indivíduo seja alguém dentro de uma sociedade maior, exerce uma influência muito grande na vida de seus integrantes.

2.1 - Grupos primários

Como já vimos, é característico do indivíduo sentir a necessidade de viver em grupo e, assim, se realizar enquanto pessoa. Em seu contato diário com diferentes pessoas, cria laços íntimos, afetivos e sinceros. Quando este tipo de relação ocorre, forma-se o grupo primário.

De acordo com Olmsted (1970:07), “o conceito de grupo primário recebeu sua formulação clássica do sociólogo americano Charles H. Coley”, que considera “grupo primário os caracterizados por associação e cooperação íntima e face-a-face”. E continua:

São primários em vários sentidos, mas principalmente naqueles fundamentais em formar a natureza social e os ideais do indivíduo. O resultado da associação íntima é uma certa fusão psicológica das individualidades no todo, de modo que a personalidade de cada um, pelo menos em muitos aspectos, incorpora a vida comum e o objetivo do grupo.

O indivíduo, então, vê sua necessidade transformar-se na do grupo, sente-se valorizado, com suas qualidades reconhecidas. Na relação existente entre os membros de um grupo primário, emoção, sentimentos tendem a ser verdadeiros, e a relação ocorre também, de modo simples, revelando-se o real interesse pelo outro, o que permite ao grupo um período de vida extenso.

Horton & Hunt (1983:134) afirmam que no grupo primário “os relacionamentos sociais tendem a ser informais e descontraídos. Os membros estão interessados uns pelos outros como pessoas. Confidenciam esperanças e temores, partilham de experiências, conversam agradavelmente e satisfazem à necessidade de companhia humana íntima”.

Em um grupo marginal⁶, no entanto, embora a relação entre seus membros ocorra de maneira íntima, a tensão é permanente. Contudo, sendo o grupo marginal também o grupo primário, desempenhará “um papel vital na vida psíquica do indivíduo, oferecendo-lhe treinamento, apoio e oportunidade para intimidade e resposta afetiva”, (Olmsted, 1970:50). A afetividade recebida, entretanto, pode não ser a mesma que se encontra entre os membros de uma família, por exemplo, e a influência, conseqüentemente, poderá ser negativa.

Os integrantes de um grupo marginal, muitas vezes, não pertencem à mesma família. Isto ocorre, principalmente, entre adolescentes que buscam o apoio para atos que desejam praticar e interações mais atraentes que, muitas vezes, não encontram dentro de seu grupo familiar.

Apesar de exercer funções positivas sobre o indivíduo, o grupo primário apresenta aspectos negativos podendo, até mesmo, anular o indivíduo em sua força de coesão. Não raramente, o adolescente nega a família, seu grupo primário involuntário, já que não teve a opção de escolha e cria um elo com outros companheiros por ele escolhidos, trazendo-os para seu grupo primário e podendo envolver-se, em alguns momentos, em práticas de atos ilícitos.

⁶ Utilizamos a expressão “grupo marginal” para designar indivíduos que estão a margem da sociedade por práticas de atos ilícitos como roubos, seqüestros, assassinatos, estupros etc.

2.2 - Grupos marginais

Entre os diferentes grupos presentes em uma sociedade encontramos os marginalizados. Estes grupos, na maioria das vezes, são formados por indivíduos excluídos da sociedade por questões morais, como acontece com prostitutas e homossexuais, ou por pessoas que praticam atos ilícitos como roubos, assassinatos, seqüestros.

Ao pertencer a um grupo como este, normalmente, o indivíduo transforma-se em seu grupo primário, obedecendo-lhe regras e imposições, mesmo que estas se apresentem contrárias ao que acredita:

O grupo marginal constitui um grupo primário, pois nele se observa todo tipo de comportamento corporativo. A cada membro desse grupo é atribuído um *status* definido. As tarefas não são executadas por um só indivíduo, mas pelo grupo e, desse modo, elas requerem uma divisão de trabalho. (Elias, 2000:27)

O grupo funciona como referência para o indivíduo que, na maioria das vezes, obedece a suas imposições sem questioná-las. De acordo com Olmsted (1970:105) “as normas dos grupos influenciam as percepções e julgamentos, guiam o comportamento individual e afetam o extravasamento do grupo. As normas ajudam a identificar e a definir o grupo: e assim, indiretamente, elas ajudam a estabelecer o *status* do indivíduo em uma sociedade maior”.

Dentro do grupo, seus membros buscam defender o interesse proposto e conhecido por todos. O interesse individual é colocado em segundo plano, pois sozinho o indivíduo não representa nada, adquirindo a possibilidade de ser alguém ao assumir para si as metas coletivas:

(...) a aceitação das normas do grupo pelos membros é um procedimento útil – é possível e mesmo necessário para alcançar os objetivos do grupo e dos indivíduos. Essa aceitação desenvolve as metas grupais porque facilita o estabelecimento de regras de trabalho e a coordenação e disciplina das contribuições individuais; desenvolve também metas individuais (supondo que elas sejam distintas das metas do grupo) porque torna os membros do grupo aliados, ou ao menos neutros, entre si. (idem)

Os membros de grupos marginais, muitas vezes, estão afastados da família física e emocionalmente, o que os tornam mais suscetíveis a ser influenciados por seus líderes. Por apresentarem carências afetivas, facilmente aceitam as mudanças impostas ao grupo, mudanças que individualmente, possivelmente, não aceitariam. Para um líder, portanto, mudar indivíduos constituídos em grupos é mais fácil do que isoladamente, já que as pessoas gostam, na maioria das vezes, de obedecer às normas do grupo que escolheu. Deste modo, seus integrantes têm a aparência, o comportamento alterado para que seja identificado como parte de determinado grupo:

Assim, no interior de um grupo, formam-se normas sobre aspectos da aparência física, como tatuagens pelo corpo, brincos, etc., e do comportamento, como entonação de voz, modo agressivo de agir, cujo principal objetivo é identificar o indivíduo como membro do grupo. Elas ajudam, pois, a definir o grupo e a estabelecer o *status* do indivíduo em uma sociedade maior. (Elias, 2000:24)

O mundo destes indivíduos é fechado de maneira que a sociedade que os exclui também seja excluída. Transgredir as leis da sociedade é entusiasmador e o perigo os cativa.

Esses grupos, geralmente, reúnem-se para planejar as atividades que praticarão em dia e horário pré-determinados, sendo sempre bem elaboradas, na tentativa de perfeição.

Apesar de serem conhecidos pelas transgressões que praticam, dentro do grupo qualquer transgressão às normas ali impostas exige punição severa que servirá de exemplo para outros que não acreditem no “respeito” que devem aos companheiros.

As leis sempre são duras e cruéis e, para quem falhar, não existe o perdão. “As normas do grupo são compartilhadas pelos membros por causa das sanções que o grupo pode aplicar em caso de desvios.” (Olmsted, 1970:106) Os integrantes de grupos marginais acreditam que o perdão os torna fraco e, ao sentirem-se enfraquecidos, estarão vulneráveis e propensos a caírem em armadilhas preparadas pela polícia ou por grupos rivais.

Mesmo estando em constante conflito com a sociedade que os cerca, os marginais criminosos enxergam os próprios marginais criminosos pertencentes a grupos rivais como seus maiores inimigos. Isso porque, comumente, os grupos sentem a necessidade de revelar a outros grupos próximos seu poder e força, mostrando-lhes até onde chegam seus domínios.

Por terem consciência de que armadilhas são preparadas por diferentes grupos que compõem a sociedade, o clima de insegurança, o estado de alerta, a tensão é constante, até quando não estão praticando atividades ilícitas. Este clima de tensão os leva a estarem sempre preparados para uma batalha, onde apenas o melhor poderá continuar vivo.

Muitas vezes, no entanto, os acontecimentos não ocorrem como o grupo espera e o que seus integrantes realmente prezam lhes é tirado, ou seja, a liberdade.

O conceito que possuem de liberdade é muito vago e significa apenas não estar na cadeia ou em qualquer outro lugar que os impeçam de fazer o que querem no momento em que desejam.

A perda da liberdade ocorre, quando as armadilhas preparadas pela polícia são eficazes e um pequeno deslize do grupo conduz seus integrantes para um mundo de correção.

As leis brasileiras dividem os indivíduos que praticam atos ilícitos, basicamente, em dois grupos: aqueles que possuem mais de dezoito anos, considerados criminosos e encaminhados para cadeias públicas para pagarem por seus crimes e aqueles que ainda não completaram dezoito anos, considerados menores infratores e encaminhados para casas de correção onde estudarão, participarão de cursos profissionalizantes e serão preparados para se reintegrarem à sociedade.

2.2.1 - A internação

No Estatuto da Criança e do Adolescente encontramos a seguinte definição para a internação imposta aos menores infratores:

A internação constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. (Art. 121 - seção VII - da internação)

Por receberem infratores de diferentes grupos, cidades e até estados, nas instituições corretivas encontram-se pessoas com culturas e costumes diferentes,

possuidoras de um conjunto de experiências que as auxiliam em sua visão de mundo, orientando-as em momentos de conflitos, dúvidas e fracassos.

Essas pessoas possuem uma concepção de si que lhes é negada, em seu processo de internação. Ao chegarem a um local como a FEBEM, são recebidas por um grupo de pessoas especializadas que as orientam e lhes transmitem as normas do lugar onde estão e permanecerão durante determinado tempo. Nesse momento, sentem o primeiro impacto da perda do eu, a consciência de sua separação com o mundo e de que a separação poderá durar meses e até anos.

Dentro da FEBEM, as regras estabelecidas são claras e conhecidas por todos os internos. Em geral, ao ingressarem nesta instituição, os internos rebelam-se e tentam fugir.

Durante nossa experiência nessa instituição, vários internos tentaram fugir, alguns obtiveram sucesso, porém muitos sentiram-se frustrados, pois foram encontrados e encaminhados novamente para a FEBEM. Ao serem recapturados os internos, normalmente, regressam com uma revolta ainda maior do que a que já possuíam. Essas fugas, ou apenas as tentativas, ocorrem porque o interno se sente humilhado pela injustiça que acredita estar sofrendo e ou pelo tratamento que recebe.

O tratamento tem por objetivo auxiliar e restaurar o infrator mas, por negar a ele sua individualidade, atinge, possivelmente, todas as formas de humilhação.

Após adquirir a consciência da perda da liberdade, o menor deixa de ser alguém dentro do grupo do qual fazia parte e passa a ser mais um em um grupo

onde todos utilizam a mesma roupa, sem variações de cor ou modelo. Além disso, é obrigado a manter o mesmo corte de cabelo que os demais internos.

Goffman, autor de *Manicômios, prisões e conventos*, realizou um estudo sobre o comportamento e o tratamento recebido por indivíduos recebidos em *instituições totais*⁷ e concluiu:

Ao ser admitido numa instituição total, é muito provável que o indivíduo seja despido de sua aparência usual, bem como dos equipamentos e serviços com os quais a mantém, o que provoca desfiguração pessoal. Roupas, pentes, agulha e linha, cosméticos, toalhas, sabão, aparelho de barba, recursos de banho – tudo isso pode ser tirado dele ou a ele negado, embora alguns possam ser guardados em armários inacessíveis, para serem devolvidos se e quando sair. (2003: 28 - 9)

O banho que, normalmente, pertence à intimidade individual, agora faz parte do grupo, pois ocorre de maneira coletiva. Os produtos de uso pessoal que, fora de uma instituição, podem ser escolhido pelo usuário, passam a ser de uso coletivo e, em geral, possuem qualidade duvidosa. No estudo, já citado, de Goffman, o autor escreve:

Uma vez que o internado seja despojado de seus bens, o estabelecimento precisa providenciar pelo menos algumas substituições, mas estas se apresentam sob forma padronizada, uniformes no caráter e uniformemente distribuídas. Tais bens substitutos são claramente marcados como pertencentes à instituição e, em alguns casos, são recolhidos em intervalos regulares para, por assim dizer, serem desinfetados de identicações. (op. cit. 27 : 8)

E continua:

⁷ Goffman utiliza a expressão instituição total para se referir às que recebem indivíduos para deles cuidar ou punir.

O material da instituição dado como substituto para aquilo que foi retirado é de um tipo 'barato', mal ajustado, muitas vezes velho e igual para amplas categorias de internados. (op. cit. 29)

Na FEBEM, quando os internos desejam comunicar-se com pessoas que estão fora da instituição, podem fazê-lo por meio de cartas, no entanto qualquer correspondência que desejem enviar ou o que a eles seja encaminhada é lida antes de chegar ao destinatário, visando, principalmente à segurança dos que não estão internados. Para o interno, porém, é uma invasão de privacidade desnecessária. Em situação semelhante, encontramos a seguinte afirmação nos estudos de Goffman:

Outro tipo de exposição contaminadora coloca um estranho em contato com a relação individual íntima daqueles que são significativos para ele. Por exemplo, a correspondência de um internado pode ser lida e censurada... (op. cit.37)

Para receberem visitas, é necessário que essas passem por uma revista íntima, evitando, assim, a entrada de objetos ou substâncias proibidas pela instituição. Além disso, o número de visitas é controlado e nem todas recebem autorização para entrar na unidade. De acordo com o estatuto da FEBEM, somente familiares próximos podem visitar o interno.

As regras para as visitas são muito questionadas pelos internos, que não as aceitam, já que acreditam que seus familiares não precisam passar por qualquer tipo de humilhação.

No momento em que a revolta atinge o ponto máximo, a rebelião é a única opção que o interno enxerga. Em geral, uma rebelião é muito bem preparada, estudada detalhadamente. As tarefas são divididas e cada um sabe exatamente o

que fazer. As possíveis diferenças que possam existir entre os internos são esquecidas para que o grupo possa atingir o objetivo ao qual se propôs.

Durante as rebeliões, mesmo os internos que não a querem, participam, pois sabem que caso não colaborem, poderão ser feitos reféns ou sofrer sérias sanções do grupo.

Quando uma rebelião ocorre, é comum a unidade de internação ser tomada pelos menores infratores. Algumas vezes, esses menores conseguem ultrapassar os limites da unidade, invadir outra ou tomar conta de algumas partes do complexo, entretanto ultrapassar os limites da UI⁸ é um acontecimento raro.

Ao final da rebelião, que pode terminar porque os internos decidiram render-se, ou pela retomada da unidade pela tropa de choque, uma revista é feita por essa e a UI passa pelo que os menores chamam de “*zerar a casa*”. Esse acontecimento pode ser entendido como uma “operação pente-fino” em que todos os cantos da instituição são, minuciosamente, vasculhados. Tudo é retirado dos dormitórios e, mais uma vez, o interno é obrigado a despojar-se dos bens conquistados, como cartas ou fotografias. Além da revista feita na *casa*, os menores também podem passar por revista íntima, sendo obrigados a ficar nus e em posição humilhante.

Goffman, em outra parte de seu estudo sobre instituições totais, pôde verificar situação semelhante e escreve:

Posteriormente, durante sua estada, pode ser obrigado a sofrer exames em sua pessoa e em seu dormitório, seja de forma rotineira, seja quando há algum

⁸ Unidade de Internação

problema. Em todos esses casos, tanto o examinador quanto o exame penetram a intimidade do indivíduo e violam o território de seu eu. (2003:35)

Além das revistas, causa de constrangimento e humilhação, os internos ainda sentem-se humilhados ao terem que mostrar constante submissão. Durante a internação, caso algum interno deseje falar com seus responsáveis ou professores deve tratá-los sempre como *senhor ou senhora*, reconhecendo, assim, a superioridade deles. Mais uma vez os estudos de Goffman revelam semelhanças :

Assim como o indivíduo pode ser obrigado a manter o corpo em posição humilhante, pode ser obrigado a dar respostas verbais também humilhantes. Um aspecto importante disso é o padrão de deferência obrigatória das instituições totais; muitas vezes, os internados são obrigados a, em sua interação social com a equipe diretora, apresentar atos verbais de deferência – por exemplo, dizendo “senhor” a todo momento.(2003:30)

Após averiguarmos de que forma o indivíduo se encontra em seu novo mundo, verificaremos como ocorre a interação com seus novos companheiros.

2.3 - Um novo grupo: os novos companheiros

Ao ser capturado pela polícia e após passar pela UAI⁹ e pela UIP¹⁰, o novo interno é encaminhado para a UI. Ao chegar, depara-se com indivíduos totalmente desconhecidos que, na maioria das vezes, não pertencem ao seu grupo no mundo externo. Isso ocorre porque a FEBEM procura não encaminhar para a mesma unidade menores pertencentes aos mesmos grupos marginais, na tentativa ajudá-los em sua recuperação.

⁹ Unidade de Atendimento Inicial

¹⁰ Unidade de Internação Provisória

Em geral, o menor encontra-se apavorado por diversos motivos: perdeu sua liberdade; está em um mundo desconhecido; recebeu muitas regras de conduta com as quais, muitas vezes, não concorda e que deve cumprir; despojou-se de seus “bens”; desconhece seus novos companheiros e não possui consciência de como será recebido. No entanto, sabe que os que ali se encontram são capazes de atitudes, muitas vezes, cruéis.

Uma grande dificuldade com a qual o novo interno se depara em seu novo relacionamento interativo é a pressão que sofre dos mais velhos, ou seja, os que cumprem medida sócio-educativa há mais tempo. Geralmente, os últimos internos recebidos pela UI são pressionados a realizar atividades que caberiam aos seus companheiros. Caso algum interno se recuse, poderá sofrer algum tipo de sanção do próprio grupo. No entanto, se o novo interno ceder a pressão e executar a tarefa de um companheiro, o grupo passará a exigir-lhe alguns trabalhos.

Os internos costumam reunir-se para realizar “debates” e decidir a vida de um companheiro. Essas discussões ocorrem, quando o grupo de internos descobre que um de seus membros é “cagueta”, homossexual, ou que “corre junto com funcionário”. Essa é uma expressão muito utilizada por eles para denominar infratores que, em troca de possíveis privilégios, aceitam trabalhar como informantes, denunciando seus companheiros aos funcionários. Em seus estudos sobre instituições totais, Goffman verificou:

(...) em contraste com esse ambiente rígido, apresenta-se um pequeno número de prêmios ou privilégios claramente definidos, obtidos em troca de obediência, em ação e espírito, à equipe dirigente. É importante ver que muitas dessas satisfações potenciais são parte da corrente de apoio que, antes, o internado aceitava como indiscutível. No mundo externo, por exemplo, o internado provavelmente podia decidir, sem pensar muito a respeito como desejava o seu café,

se acenderia ou não um cigarro, quando falaria ou não; na instituição, tais direitos podem tornar-se problemáticos. Apresentadas ao internado como possibilidades, essas poucas reconquistas parecem ter um efeito reintegrador, pois restabelecem as relações com todo o mundo perdido e suavizam os sintomas de afastamento com relação a ele e com relação ao eu perdido pelo indivíduo. (op. cit. 50)

No entanto, o maior problema com o qual se depara é o medo da homossexualidade. “Nas prisões, a negação de oportunidades para relações heterossexuais pode provocar o medo da perda da masculinidade”. (op. cit. 31)

É normal o assédio sexual pelos companheiros. A maioria dos internos resiste ao assédio, apanha pela resistência que oferece, mas, ao final, é aceito pelos novos colegas. Contudo, quando alguém cede a esta situação e “permite” o estupro, o grupo passa a rejeitá-lo. A rejeição do grupo coloca sua vida em perigo, pois o estupro passa a ser considerado homossexual e, conseqüentemente, merecedor da morte.

Ao perceber que a vida do novo interno corre perigo, a instituição toma providências para que o interno não seja torturado ou morto pelos companheiros. O interno, então, torna-se “seguro” e é encaminhado para uma cela separada onde manterá contato apenas com a direção, psicólogos, professores e outros “seguros”. Esta nova situação deixa-o separado não só do mundo externo, mas também de seu novo mundo. Seu contato com outras pessoas é restrito e, dificilmente, poderá reintegrar-se ao grupo que o rodeia no momento.

A vida em uma instituição de correção ou reintegração à sociedade é difícil. Os que ali se encontram estão por infringir as leis de conduta da sociedade, no entanto infringir uma lei de conduta do grupo, pode condená-los a morte, condenação não permitida por nosso código penal. Stella (2003:115) afirma:

O homem que está preso por infringir as leis penais vigentes, dentro do cárcere não pode infringir a *lei do cão*, sob penas mais duras do que as do *Código Penal*, chegando, muitas vezes, a pagar até com a própria vida.

E continua:

Tal código não escrito é conhecido por todos os que passaram ou fazem parte do sistema prisional e por meio da linguagem gíria falada, própria do grupo, é que a *lei do cão* é divulgada.

Assim sendo, todo o grupo cuidará para que todas as regras estabelecidas pelo próprio grupo sejam cumpridas. Na instituição em que centramos nosso estudo, por exemplo, é estabelecido que nenhum interno pode ficar sem camisa caso haja uma visita na unidade, o que, rotineiramente, acontece na presença de professores, funcionários, psicólogos, promotores e/ou qualquer outra pessoa que esteja presente, mas que não seja família ou amigo de um interno. Se a regra for desobedecida, provavelmente, o infrator sofrerá sanção do grupo que arranjará uma maneira de puni-lo. Evangelista, um ex-interno, a respeito de sua experiência na FEBEM, escreve:

Ouvi tudo com muita atenção para não cometer erros, pois quem comete erros lá dentro é considerado pilantra e é excluído pelos outros internos, além de sofrer suas punições – como uma surra pelos próprios companheiros ou levar um trem-bala. (2004: 124)

Devido ao conflito que estabelece com a sociedade e, conseqüentemente, por necessidade de defender-se de pessoas que estão a sua volta, o grupo marginal precisa elaborar um código de comunicação que impeça indivíduos não iniciados de entendê-lo enquanto conversa, possibilitando, assim, a estabilidade do grupo.

3. A GÍRIA

A maneira como o indivíduo fala pode definir seu *status* e produzir sua identidade social dentro de uma sociedade maior. Assim sendo, o código lingüístico pode ser visto como uma forma de relação social que aproxima ou distancia pessoas.

Por ser a sociedade formada por diversos grupos, encontramos diferentes linguagens que podem identificar cada grupo. Os grupos marginais, por exemplo, utilizam um código restrito que impede indivíduos não-iniciados de compreendê-los enquanto conversam. O meio social em que um grupo está inserido pode ser um fator determinante para o surgimento de diferentes códigos. Marcuschi escreve:

O meio social é um fator importante para o surgimento de um ou outro código. Um código restrito pode surgir *em qualquer ponto* da sociedade em que as condições prévias requeridas foram preenchidas. (1975:41)

O grupo marginal, devido à situação de conflito que estabelece com a sociedade, desenvolve estreitos vínculos entre seus integrantes, verificável na maneira de comunicação específica, no conhecimento de um código secreto. Esse código secreto, no entanto, considerado, muitas vezes, pela sociedade, como vulgar ou chulo, não deve ser considerado inferior ou superior, pois carrega um grande potencial em sua significação. Além disso, o vocabulário do grupo marginal é bastante simbólico, expressivo, uma vez que se baseia na cultura de seus falantes:

Enquanto vocabulário expressivo, a gíria revela uma forma de cultura, reflete a mentalidade e a concepção de vida do grupo e, dessa forma, traduz uma

visão particular do mundo sob a ótica de seus usuários. Essa designação subjetiva é, geralmente, metafórica e exterioriza uma noção de valor imposta pelo falante ao referente, ou seja, uma espécie de julgamento do mundo: usa-se *grude* para a comida, *jaula* para a cela e *piranha* para a prostituta. (Veneroso, 1999:43)

A gíria é uma manifestação lingüística observada, principalmente, na oralidade. Por ser considerada uma forma de agressão, é um fenômeno utilizado comumente por grupos sociais menos privilegiados ou por grupos totalmente excluídos da sociedade.

Entretanto, devido a grande exploração feita pelos veículos de comunicação de massa, podemos encontrar gírias em entrevistas, propagandas, discursos políticos e, até, em livros didáticos, pois, ao utilizar a gíria, o falante tenta uma aproximação com seu interlocutor:

Na linguagem falada espontânea, no dia-a-dia, a gíria constitui um recurso simples de aproximar os interlocutores, quebrar a formalidade, forçar uma interação mais próxima dos interesses das pessoas que dialogam. Essa situação também ocorre na imprensa, onde o envolvimento com o leitor requer que se empreguem, às vezes, recursos da oralidade. (Prete, 1996: 139)

Ao estudarmos o vocabulário gírio, portanto, podemos abordá-lo sob duas perspectivas: uma perspectiva relaciona-se a vulgarização da gíria por meio do contato de grupos fechados com a sociedade. Esse vocabulário torna-se conhecido, perdendo sua característica criptológica.

Outra perspectiva relaciona-se à gíria restrita aos participantes de grupos fechados. Esses grupos fechados podem ser formados tanto por indivíduos com gostos semelhantes por músicas, danças, alunos de universidades etc, como por indivíduos relacionados com a prostituição, com o crime, com o

homossexualismo, ou seja, indivíduos conhecidos por praticarem atividades ilícitas ou quebrarem as regras impostas pela sociedade. (cf. Preti 1996:140)

3.1 – O grupo marginal e a gíria

Os grupos marginais, por levarem uma vida desregrada, precisam de um vocabulário específico pelo qual, quem não fizer parte do grupo fique impossibilitado de compreender-lhes enquanto conversam. Esse vocabulário, baseado na linguagem comum, possui um caráter criptológico, sendo muito importante, principalmente, no processo de reclusão. Desse modo, a gíria surge para “satisfazer necessidades advindas da formação de grupos, composto de elementos que tenham interesses comuns. Assim, só é compreendida pelos iniciados no grupo e serve como instrumento de defesa social do grupo”. (cf. Cabello, 1989:25)

Ao realizarmos um estudo sobre a linguagem falada por grupos marginalizados, verificamos que o fenômeno lingüístico gírio e esses grupos sempre estiveram profundamente relacionados. De acordo com Ferrero, o estudo da gíria seria “uma espécie de autobiografia da má vida, constituída de agressividade, ironia mordaz, exasperada visualidade, secreta melancolia, cujo protagonista é uma linguagem capaz de uma relação total com a realidade apresentada, dotada de uma tensão e de um impacto que não é arriscado definir como subversivo”. (1972:1)

Casciani (1948:20), partilhando de uma opinião semelhante, afirma:

Aquele que quer conhecer o povo e as classes perigosas que fervilham nas trevas sem respeitar as leis deve estudar a gíria que é seu retrato fiel – como o objeto criado é o reflexo do seu criador.

Quando estudamos a relação existente entre a gíria e os grupos marginais, verificamos, portanto, que esse vocabulário reflete a vida que levam, seja dentro ou fora de uma instituição corretiva. Ao empregar a gíria, os grupos marginais exteriorizam a cultura que possuem e revelam que pertencem a um determinado grupo:

Um vocabulário de sub-grupo demonstra que temos um grupo ao qual “pertencemos” e no qual somos “alguém” – é melhor que os forasteiros nos respeitem. A gíria é utilizada para mostrar aos outros (e para que nos lembremos) nossa formação biográfica, mental e psicológica; para mostrar nosso social, econômico, geográfico, nacional, racial, religioso, educacional, ocupacional e interesses de grupo, associações e patriotismos. (Flexner, 1967: 11)

A gíria, desse modo, define as atividades naturais do grupo que a utiliza e, no caso dos marginalizados, torna-se uma forma do grupo opor-se à sociedade. Preti afirma:

Sempre que possível, determinados grupos se isolam, adotam uma linguagem especial (em particular no campo lexical), opondo-se ao uso comum. Esse comportamento lingüístico, naturalmente, é decorrente do próprio comportamento social (é, inclusive, parte dele) e poderia ser denominado de uso restrito de certos grupos sociais. (1984a: 2)

Podemos caracterizar a gíria criptológica como vocabulário específico de um determinado grupo, em que seus membros estão unidos por interesses comuns. Essa união promoverá o grupo dentro da sociedade maior e servirá como elemento de auto-afirmação:

Caracterizada como um vocabulário especial, a gíria surge como um *signo de grupo*, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões). E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de auto-afirmação. (op. cit. 3)

Para Guiraud, a gíria é produto do meio em que os grupos marginais estão inseridos. Ele a define como “a linguagem especial de um grupo de ladrões, isto é, o conjunto de termos próprios dos vadios, vagabundos e dos malfeitores, criados por eles e usados por eles, excluindo os outros grupos sociais que os desconhecem ou não os utilizam, com exceção de circunstâncias excepcionais”. (1985:7)

Por meio do uso do vocábulo gírio os grupos marginais expressam a insatisfação que sentem, criticam a sociedade que consideram injusta e agridem o vocabulário escolhido pela maioria como norma:

A gíria, portanto, como mecanismo de agressão e defesa, podemos dizer, ganha um caráter social de elemento compensatório, meio de purgação da alma popular. Optando pelas formas gírias, deformando significantes da linguagem usual, criando significados especiais, o falante agride com esse vocabulário o convencional, opõe-se a um comportamento lingüístico, escolhido pela maioria como *norma* e, assim, deixa marcado seu conflito com a sociedade. (Preti, 1984a:22)

Os falantes da gíria criptológica procuram impedir que indivíduos não pertencentes ao grupo saibam o significado dos vocábulos, já que esse conhecimento poderia colocá-los em perigo. A gíria, pois, trata-se de um mecanismo de defesa. Ferrero, citando Biondelli, escreve:

Sabe-se, geralmente – escreve ele - que na grande sociedade, em todas as nações civilizadas e em qualquer tempo, os grupos de indivíduos detestados e, ao mesmo tempo, dignos de pena, que desperdiçam a vida, aperfeiçoando continuamente seu engenho para se apropriarem injustamente dos bens alheios, formaram uma língua convencional, por meio da qual podem facilmente se compreender entre si e não serem compreendidos, burlar a vigilância pública e obter a própria defesa até mesmo entre as mãos da justiça que os atingiu. (1972:9)

Esse caráter criptológico da gíria garante a preservação do grupo, diferencia-o do restante da sociedade e fortalece a cumplicidade entre seus membros:

Mecanismo de agressão/defesa, eis um binômio que se aplica bem à gíria. Identificando-se pela linguagem, um pequeno grupo pode defender-se da grande comunidade, pelo próprio desprezo que a ela vota. Observe-se, nesse sentido a natural oposição do jovem, que insiste em falar a sua gíria, mesmo com um interlocutor de maior formalidade e de linguagem convencional, mantendo zelosamente seu signo de grupo. Esta regra serve não apenas para a gíria jovem, como também para a marginal, para a dos toxicômanos, dos camelôs e de outros grupos profissionais. (Preti, 1984a: 6)

Entretanto, embora tentem manter o caráter criptológico da gíria, o contato dos grupos fechados com a sociedade – por meio, principalmente, dos médicos, dos dentistas, dos advogados, dos psicólogos, dos professores etc – faz com que o vocabulário que empregam seja divulgado, torne-se conhecido. Quando isso ocorre, o grupo, rapidamente, substitui o vocábulo por outro. Stella, a este respeito, afirma:

Por sua vez, a utilização excessiva de um vocabulário gírio, na sociedade maior, provoca sua vulgarização. A expressão torna-se vazia em seu conteúdo expressivo e acaba perdendo as características como gíria de grupo restrito, figurando, então, como linguagem comum. Logicamente, quando essa etapa do

vocábulo gírio ocorre, o seu conteúdo semântico já se esgotou e o estigma ou preconceito por ser de uso em algum grupo fechado, com valores ou atitudes muito diversas, da sociedade em geral, também, já se esvaziou. (2003:39)

A gíria, assim como a moda, é efêmera e sofre constantes modificações. O principal motivo para essa efemeridade é preservar a linguagem secreta e, conseqüentemente, a unidade do grupo.

Há um momento, porém, em que esses vocabulários restritos acabam por despersonalizar-se, perdendo seu *signo de grupo*. A evolução social, o progresso, o desenvolvimento dos meios de comunicação em geral conduzem a uma natural tendência unificadora da linguagem, a partir da influência que se irradia dos grandes centros urbanos. Ontem, o jornal; hoje, além dele, a TV, o rádio e outros meios de divulgação, tornam pública a linguagem de certas classes, que se transforma em propriedade de todos os falantes na sociedade, em curto espaço de tempo. (Preti, 1984b:67)

Dessa maneira, o progresso e os meios de comunicação de massa colaboram, para que o vocabulário, antes restrito ao grupo fechado, transite para os falantes da linguagem comum, mais rapidamente.

4 - PROCESSO DE FORMAÇÃO DA GÍRIA

Por estar excluído da sociedade, o grupo marginal busca diferentes meios para agredi-la. Por ser a língua um código de comunicação muito importante, é utilizada, por esse grupo, como meio para revelar a revolta que seus integrantes sentem. O uso de certas formas gírias, por exemplo, pode ser uma forma de agressão.

Como já vimos, a gíria é um fenômeno lingüístico presente, principalmente, na oralidade e não constitui uma língua, é apenas uma variação do vocabulário. A formação desta variedade ocorre a partir da alteração de significados por processos metafóricos ou pela deformação dos significantes dos vocábulos usuais. Como a gíria se origina de palavras comuns, em que somente o significado é alterado, Preti a considera uma linguagem parasita. (cf. 1984a:6).

A gíria pode ser considerada, ainda, como neologismo. Alguns neologismos possuem explicações históricas, outros são empréstimos de línguas estrangeiras, outros podem ser consequência da moda ou influência de programas de televisão. De acordo com Carvalho (cf. 1984:49), a gíria é o vocábulo mais abrangente para designar neologismos populares.

Em nosso corpus deparamo-nos com vocábulos que podem ser considerados neologismos. Esses neologismos possuem caráter criptológico que permitem, de certa maneira, a preservação do grupo que os utilizam. O estudo desses vocábulos revela diversas características em suas formações.

4.1 - Empréstimos de língua estrangeira

Com o intuito de ampliar o léxico de que fazem uso, os grupos marginais utilizam vocábulos de outras línguas. Essa influência dá-se por meio do contato com músicas estrangeiras, com programas de televisão, com filmes. Borba (1970:277) afirma que todas “as línguas recebem palavras daquelas com que têm contato, já adotando-as em sua forma primitiva, já adaptando-as à sua fonética e morfologia”.

Como existe, em nossa sociedade, uma língua de grande prestígio, os empréstimos são, em sua maioria, oriundos dela, ou seja, do inglês. De acordo com Borba (1970:276), a “influência de uma língua sobre outra se exerce em vários graus, dependendo do estágio cultural de cada grupo. Uma língua de um povo tido como centro irradiador de cultura está em melhores condições para emprestar do que para tomar emprestado”.

Em nosso trabalho há casos de vocábulos de origem estrangeira:

- *matina* – matinê
- *cäfte*n – cafetina/cafetão
- *dar um time* – dar um tempo

4.2 - Deformação dos significantes

A gíria formada por meio da deformação do significante é um processo que pode ocorrer de diversas maneiras - pelo acréscimo de sufixos ou alongamentos tipicamente gírios, por alterações diversas de radical, por apócope.

4.2.1 – Deformação do significante por sufixos ou alongamentos tipicamente gírios

Nesse processo, observamos o uso de sufixos para a formação de vocábulos com novos significados:

- *cordinha* – indivíduo que não gosta de emprestar o que tem
- *cantada* – assédio

O sufixo, além de ser acrescentado às palavras já existentes na língua, pode ser adicionado à própria gíria. Deste modo, pode tornar a gíria mais incompreensível e, ainda, transformá-la num aumentativo:

- *bacanaço* – bacana (indivíduo muito rico)

4.2.2 – Deformação do significante por apócope

A deformação do significante por apócope consiste na supressão dos fonemas finais. Esse recurso é bem explorado na gíria, pois torna a comunicação mais rápida.

- *satisfá* – satisfação
- *sugesta* – sugestão
- *flagra* - flagrante

Em outros casos, elimina-se o sufixo já tradicionalmente incorporado ao substantivo ou adjetivo. Trata-se de uma derivação por redução, resultando palavras populares com viva conotação pejorativa:

- *japa* – japonês

4.2.3 – Deformação do significante por alteração do radical

Podemos afirmar que o radical contém o significado básico de uma palavra. Nesse processo, o radical sofre alteração, dando novo significado a palavra:

- *malaco* (malandro) – esperto

4.3 – Metáforas

O estudo do fenômeno gírio demonstra que a metáfora é um recurso expressivo muito utilizado. De acordo com Preti (1984b: 124), o processo metafórico gírio reflete uma tendência da metáfora popular: “o uso de um mecanismo figurado essencialmente primário, de fundo emotivo, no qual, quase sempre se evoca um objeto concreto por uma imagem também concreta, valorizando uma de suas propriedades, talvez a mais expressiva. Em geral, baseia-se numa relação física (forma, cor, cheiro, som etc)”.

Podemos dizer que o processo metafórico origina-se da necessidade de encontrar semelhanças entre realidade e conceito. Martins, citando Bally, escreve:

Ele (Bally) vê a metáfora como uma comparação em que o espírito, induzido pela associação de duas representações, confunde num só termo a noção caracterizada e o objeto sensível tomado como ponto de comparação. Estas associações são fundadas sobre vagas analogias, por vezes muito ilógicas, mas elas revelam que o sujeito pensante extrai das suas observações da natureza exterior imagens para representar aquilo que seu cérebro não consegue apresentar sob a forma de abstração pura. (1997: 92)

O processo metafórico evidencia a expressividade do léxico. O emprego das metáforas não só revela a expressividade da palavra, como também permite intensificar ou ocultar um acontecimento, dando a este acontecimento mais vivacidade. A este respeito, afirma Martins:

Digamos apenas que as metáforas têm o poder de apresentar as idéias concreta e sinteticamente, podendo não só intensificar como dissimular os fatos. Na atribuição de juízos de valor ela se presta admiravelmente ao exagero, quer na exaltação, quer na depreciação, e tem um papel importante na expressão da ironia. A não ser na linguagem científica, em que é evitada o quanto possível, pelo seu caráter de imprecisão e subjetividade, ela está em todos os usos da linguagem, com os mais variados graus de expressividade e impacto. E mesmo as metáforas mais pobres, mais desgastadas, sempre indicam que o falante tenta dar às suas palavras um mínimo de emoção e vivacidade. (1997:102)

No léxico gírio, encontramos muitos casos de metáforas. As metáforas gírias podem ser:

4.3.1 - Relacionadas com o corpo humano

- *abastecer a caveira* – alimentar-se
- *cabeção ou cabeça* – líder

- *dedo duro* – fazer mexerico
- *fazer avenida na epiderme* – cortar alguém
- *pé de chinelo* – indivíduo pobre

4.3.2 – Sensitivas

- *febre louca* – vontade muito grande de fazer ou comer algo
- *pegando fogo* – grande confusão
- *vai ferver* – será bom / arrumar confusão

4.3.3 – Humorísticas

- *abotoar o paletó* – morrer
- *vocação pra defunto* – indivíduo que gosta de arrumar encrenca

4.3.4 - Relacionadas com bichos

- *cadela* - prostituta
- *mula* – indivíduo que serve de intermediário para o tráfico

4.4 – Composição por redução de expressões (siglas gírias)

Composição denomina o processo de formação de palavras em que um vocábulo é formado pela junção de dois ou mais radicais. Borba (1970: 271), a respeito do processo de formação de palavras por meio da composição, escreve:

Reunião de duas ou mais palavras (componentes) numa só (composta). O sentimento da unidade pode resultar simplesmente do fato de que os componentes são habitualmente agrupados no uso comum. O vocábulo é composto quando duas idéias se unem para formar uma terceira que deve ter forma gráfica também fundida.

Paga-pau e *puxa-sacos* são vocábulos que podem exemplificar o processo de composição pela junção de radicais, pois são formados pela união de duas outras palavras. Ao unir esses dois radicais (pag +pau / pux +sac), os vocábulos perdem os significados iniciais, passando a denotar o indivíduo *bajulador*.

O vocábulo gírio pode ser estudado, ainda, a partir de palavras constituídas pelo processo de composição por redução de expressões, ou seja, as siglas gírias.

A sigla é formada a partir da utilização das letras iniciais de uma seqüência de palavras. Nesse processo, as siglas gírias são formadas por reduções que reaproveitam as iniciais das palavras que as compõem:

- *CDF* – cabeça de ferro - indivíduo muito inteligente
- *QI* – quem indique - conhecer alguém que possa arrumar um emprego

4.5 – Polissemia

Um aspecto importante no processo de formação do léxico gírio é o fenômeno da polissemia. Entendemos esse fenômeno como a propriedade que algumas palavras possuem de apresentar diversos significados.

Para Bidarra (2004:26), a polissemia constitui “um caso particular de ambigüidade lexical em que os significados, embora diferentes, guardam entre si um certo tipo de relacionamento semântico suficientemente capaz de nos deixar perceber que se trata de significados muito próximos uns dos outros”.

Borba (1970:282) define polissemia como

a propriedade que a palavra tem de assumir significações diversas conforme o contexto em que aparece. Resulta da possibilidade de extensão ou restrição do sentido em função do contexto e das possibilidades de emprego metafórico. A rigor, todas as palavras são possíveis de polissemia, mas reserva-se o nome para os casos em que as significações diversas resultantes de restrição, extensão ou metáfora, já não apresentam uma relação evidente entre si.

Vendryès, citado por Rehfeldt, define polissemia como a faculdade que as palavras possuem de assumir significações variadas de acordo com os diferentes empregos a que estão sujeitas e de se manterem, na língua, com estas significações. Para o autor, quanto maior a frequência de emprego de uma palavra em diferentes contextos, tanto maior é o risco de ser alterada a significação. (cf. 1980: 77)

Embora a palavra assuma uma nova significação, de acordo com a situação em que é empregada, não há nada que impeça, em alguns casos, o uso da palavra com a significação que possuía a princípio. A este respeito escreve Bréal (1992: 103):

O sentido novo, qualquer que seja ele, não acaba com o antigo. Ambos existem um ao lado do outro. O mesmo termo pode empregar-se alternativamente no sentido próprio ou no sentido metafórico, no sentido restrito ou no sentido amplo, no sentido abstrato ou no sentido concreto.

À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se a produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor.

A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a *polissemia*. Todas as línguas das nações civilizadas participam desse fenômeno; quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social.

Em nosso estudo sobre polissemia há, também, a presença de verbos polissêmicos. Esses verbos também evidenciam a formação do léxico quanto ao significante e envolvem uma variedade de significados para um mesmo vocábulo, estabelecidos de acordo com o contexto em que se inserem. Para exemplificar os verbos polissêmicos, destacamos os verbos *dar*, *entrar*:

Dar

- *dar a cara* - aparecer
- *dar as cartas* - ordenar
- *dar bandeira* – agir de maneira indiscreta
- *dar o serviço* – fazer intriga

Entrar

- *entrar na área* – chegar em algum local

- *entrar numa fria* – fazer algo que prejudique quem o fez

Os verbos *entrar* e *dar* apresentam-se com sentido reduplicado. Nos dois casos, as possibilidades de sentidos são esclarecidas pelo contexto. Borba escreve que, além de resolver o problema da polissemia e estabelecer se uma palavra é empregada com sentido próprio ou figurado, “o contexto permite interpretar de modo correto as modificações semânticas”. (cf. 1970:294)

4.6 - O processo de formação das gírias empregadas pelos internos da FEBEM

Assim como os vocábulos gírios já estudados nesse capítulo, as gírias utilizadas pelos internos da FEBEM seguem os mesmos processos de formação das palavras da língua portuguesa. Isso ocorre porque, na verdade, a gíria não constitui um novo léxico, trata-se, apenas, de uma variação de vocabulário.

4.6.1 - Empréstimo de língua estrangeira

Em nosso *corpus* deparamo-nos com oito vocábulos oriundos de língua estrangeira.

- *back* - enforcar um colega até que este perca o sentido
- *back* - cigarro de maconha
- *jack* - estuprador
- *pick* - estilo
- *estar no esqueche* - estar no *esquema* de alguém

- *naifa* - vocábulo retirado da língua inglesa – knife – que mantém o significado – faca. Entretanto, há alteração ortográfica, já que a escrita passa a ter semelhança com a pronúncia.

- *railander* - espada ou lança
- *lock* - louco

Lock é empregado pelos internos da FEBEM com significado de louco. Provavelmente, a semelhança sonora que há entre as duas palavras provocou essa associação entre *lock* e louco.

Os vocábulos, empregados pelos internos da FEBEM que constituem o empréstimo de língua estrangeira são oriundos da língua inglesa. Acreditamos que isso ocorre porque os internos, além de manterem contato com músicas de origem americana, ouvem muito *Rap*, um estilo musical em que, palavras da língua inglesa são empregadas constantemente.

4.6.2 - Deformação dos significantes

Nesse processo, os vocábulos recebem acréscimo de sufixos, com alongamentos tipicamente gírios e com apócope.

4.6.2.1 – Deformação do significante por sufixos ou alongamentos tipicamente gírios

Em alguns vocábulos gírios podemos observar o caráter de deformação sendo acentuado. É o caso dos vocábulos em que se acrescentam sufixos tipicamente gírios:

- *balaço* - bala de revólver
- *malaco* (*malandro*) – esperto

Em *balaço* verificamos o emprego do sufixo –aço, usado, geralmente, como “aumentativo com sentido pejorativo”. (cf. Urbano, 2003:187). Em *malaco*, percebemos o sufixo –aco sendo acrescentado a própria gíria (*malandro*), alterando-lhe o radical.

Em vários vocábulos gírios há o emprego do sufixo –ão. O uso desse sufixo é enfático por excelência, intensifica o vocábulo e seu significado. Além disso, é um recurso frequentemente empregado por indivíduos com vocabulário limitado. Preti, a este respeito, afirma:

É fácil compreender-se tal fenômeno, se atentarmos para o fato de que o povo tem um vocabulário muito limitado e, quando ocorre a necessidade de enfatizar a expressão das idéias ou dos sentimentos, vale-se do exagero das imagens. A motivação da metáfora popular – e, em especial, da gíria e da obscena – é acima de tudo, a intensificação do significado, muito mais do que um mero recurso estético ou estilístico. (1984b: 125)

Para exemplificar esse tipo de sufixo que, em nosso *corpus*, está agregado em adjetivos e substantivos, registramos:

- *zoião* - indivíduo que cobiça o que pertence à outra pessoa
- *xerifão* - diretor da UI ou indivíduo que dá muita ordem
- *barracão* - (coletivo de *barraco*) – é a parte da instituição onde os dormitórios estão localizados

- *firmão* - bom

Nos três primeiros exemplos, o sufixo – ão foi acrescentado aos substantivos *zoio* (*olho*), *xerife*, *barraco*. No último caso, o sufixo modifica o adjetivo *firme*.

4.6.2.2 – Deformação do significante por apócope

Na deformação do significante por apócope, como já vimos, há a alteração do vocábulo pela supressão de fonemas ou sílabas finais. No vocabulário gírio empregado pelos internos da FEBEM há três casos:

- *delega* - delegado
- *funça* - funcionário
- *justa* - justiça

Em *delega* há apenas a supressão da sílaba final. Em *funça* e *justa*, além da supressão da sílaba final, ocorre, também, alteração no radical.

Nos exemplos citados, a intenção do uso da gíria é desmoralização ou insulto, pois ao se referir a superiores e a justiça dessa maneira, o falante demonstra desrespeito, insubordinação e desacato.

4.6.2.3 – Deformação do significante por alteração do radical

O radical pode sofrer alterações, provocando deformação no significante. No *corpus* de nosso trabalho, não há muitos vocábulos para exemplificar esse processo, no entanto os dois únicos vocábulos gírios que identificamos, merecem destaque:

- *friaca* - frio intenso. Nesse caso, o substantivo frio tem seu radical deformado e seu significado ampliado.
- *malaco (malandro)* – esperto, aquele que consegue enganar os outros, que utiliza meios duvidosos para se sair bem em qualquer situação

4.6.3 - Metáforas

O vocábulo gírio que constitui nosso *corpus* é rico em metáforas. Pela análise das metáforas gírias, empregadas pelos internos da FEBEM, podemos identificar o modo irônico pelo qual seus falantes vêem o mundo.

4.6.3.1 - Relacionadas com o corpo humano

Localizamos, em nosso *corpus*, sete vocábulos para exemplificar as metáforas relacionadas ao corpo humano:

- *pé de pato* – assassino de ladrão
- *pé de breque* - indivíduo que diz que fez ou faz uma série de coisas, mas na verdade não fez nem faz nada.
- *canelar* - ir embora
- *mão branca* - policial

- *dedeira* - anel
- *zoião* - ficar de olho no que pertence ao outro
- *osso* - algo muito difícil de realizar

4.6.3.2 – Sensitivas

De acordo com Bréal, uma “espécie particular de metáfora, extremamente freqüente em todas as línguas, vem da comunicação entre os órgãos de nosso sentido, que nos permite transportar ao ouvido sensações experimentadas pela visão, ou ao paladar idéias que devemos ao tato”. (1992: 94) No vocabulário gírio empregado pelos internos da FEBEM, registramos a presença de alguns casos de metáforas que remetem aos nossos sentidos:

- *é quente* - algo bom
- *é quente* - algo verdadeiro
- *mil grau* - algo muito bom
- *mil grau* - algo muito difícil
- *pagar brasa* – acender cigarro

Como já vimos, em alguns casos, é necessário o contexto para que se conheça o significado exato do vocábulo. Isso acontece com as gírias *é quente* e *mil grau*. Quando os internos conquistam algum benefício, ou recebem uma notícia que consideram boa, empregam as gírias *é quente* e *mil grau* com o sentido de algo bom.

É quente pode ser usada também como algo verdadeiro. Isso ocorre quando um interno conta uma história, mas seus ouvintes não acreditam. Nesse caso, quem está narrando chama um companheiro que, para dar credibilidade ao fato, emprega esse vocábulo.

4.6.3.3 – Humorísticas

As metáforas humorísticas presentes em nosso *corpus*, revelam, na verdade, um humor negro, repleto de ironia e sarcasmo. Relacionam-se à tortura, morte, parte do corpo humano e locais da instituição de internação:

- *presunto* – morto.
- *churrasqueira* - grade que cobre o pátio interno, onde os presos tomam banho de sol.
- *praia* - chão localizado entre os beliches dos dormitórios.
- *pote* – cabeça. Durante as aulas, quando os internos não desejam estudar, dizem que o “pote já está cheio” e, por isso, não poderão aprender nada naquele momento.
- *ficar de Jesus Cristo* - ser amarrado como Cristo na cruz para ser torturado. Diferente de Cristo, que de acordo com a bíblia, foi pregado em uma cruz para salvar a humanidade, os internos amarram os companheiros para aplicar punição por falhas cometidas.

4.6.3.4 - Relacionadas com bichos

As metáforas relacionadas aos animais denotam partes do corpo humano, situações de humilhação ou tortura imposta aos internos por companheiros ou por

agentes de segurança, maneira de se referir à figura do policial, parte da instituição e maneiras de se portar:

- *gato* - pênis
- *cão* - ânus

Cão e *gato* são metáforas relacionadas aos órgãos sexuais. Se essas duas palavras forem empregadas na presença de mulheres, mesmo com o significado literal (ou seja, referindo-se aos animais que denominam) provocam desconforto nos internos. Isso ocorre porque o uso de qualquer vocábulo com conotação sexual na presença de alguém do sexo feminino é considerado desrespeito.

- *galinhar* - brincar.
- *canguru* - revista em que o indivíduo nu abaixa-se três vezes para exame retal.
- *ficar de morcego* - ser amarrado de cabeça para baixo na janela do dormitório.
- *rato cinza* - policial.
- *estar de lagarto* - inocente condenado.
- *boi* - banheiro

Galinhar, *canguru* e *ficar de morcego* são gírias que revelam o cotidiano dos internos; *rato cinza* e *estar de lagarto* referem-se aos indivíduos que, de alguma maneira, estão na instituição, cumprindo pena de outro ou trabalhando.

4.6.4 – Composição por redução de expressões (siglas gírias)

O processo de formação da gíria a partir da composição por redução de expressões dá-se de três maneiras. Em um primeiro momento, deparamo-nos com a utilização das iniciais das palavras que compõem o vocábulo gírio. Nesse caso, temos:

- *LF* – liberdade forçada
- *LF* - liberdade fugida

Em muitos casos, os internos, por pressão dos demais companheiros, sentem-se obrigados a fugir. Isso pode ocorrer quando os internos praticam o *cavalo louco* para ajudar alguém a fugir, ou quando sofre algum tipo de tortura aplicada por seus companheiros. Nesse caso, a *liberdade é forçada*. A *liberdade fugida* denomina a fuga por vontade própria.

No segundo caso, utilizam-se letras para representar a palavra ou o conceito. Ao contrário dos exemplos citados anteriormente, não há a utilização das iniciais das letras que compõem o vocábulo gírio, e não há, também, qualquer relação aparente entre a sigla e o conceito:

- *X* – quarto separado do convívio
- *T* – cigarro

No terceiro caso, temos o processo de formação das palavras por meio da junção de radicais, formando, assim, um novo vocábulo:

- urubuservar – observar.

De acordo com os internos, assim como o urubu sobrevoa uma área em busca de carne podre para atacar, o *pirriú*, do alto dos muros da unidade, tem a função de vigiá-los para prejudicá-los junto à direção e a justiça.

4.6.5 – Polissemia

Como já vimos, a polissemia constitui um fenômeno da língua em que, uma única palavra assume diversos significados. Em alguns momentos, somente o contexto possibilita o conhecimento do significado. Os vocábulos gírios empregados pelos internos da FEBEM, também apresentam verbos polissêmicos.

Em nosso *corpus* encontramos cinco verbos polissêmicos que exemplificam esse fenômeno:

Estar

<i>Estar de</i>	<p><i>boa</i> - não fazer nada</p> <p><i>lagarto</i> - estar cumprindo pena mesmo sendo inocente</p> <p><i>louco</i> - estar desinformado</p> <p><i>touca</i> - estar desinformado</p>
<i>Estar</i>	<p><i>pesando</i> - pedir tudo o que vê</p> <p><i>bonado</i> - ter muito dinheiro</p> <p><i>vendido</i> - não ser informado de alguma situação</p>

<i>Estar no</i>	<i>pano</i> - ter alguém para defesa pessoal
-----------------	--

Fazer

<i>Fazer</i>	<i>um</i> - parar de falar <i>cinco</i> - esperar um pouco <i>um pião</i> - dar uma volta <i>uma caibrada</i> - dar uma surra <i>um corre</i> - tentar conseguir o que se quer <i>uma cena</i> - praticar um delito
<i>Fazer</i>	<i>a ponte</i> - passar alguma coisa para outra pessoa

Ir

<i>Ir</i>	<i>no corre</i> - procurar <i>na bota</i> - ir atrás de alguém
<i>Ir</i>	<i>de bonde</i> - ser transferido

Ficar

<i>Ficar de</i>	<i>Jesus Cristo</i> - ser amarrado como Cristo na cruz para ser torturado.
-----------------	--

	<i>porquinho</i> - ser amarrado com mãos e pés para trás e ser torturado. <i>morcego</i> - ser amarrado na janela de cabeça para baixo.
<i>Ficar no</i>	<i>ovo</i> - ser protegido por alguém.

Pagar

<i>Pagar</i>	<i>mijão</i> - urinar <i>nece</i> - evacuar <i>um bode</i> - dormir
<i>Pagar na</i>	<i>missão</i> - desobedecer regras estabelecidas <i>brasa</i> - acender um cigarro
<i>Pagar</i>	<i>veneno</i> - sofrer

O verbo *pagar* aparece em nosso estudo como um recurso polissêmico. Diferente dos demais verbos apresentados nesse capítulo que, podem ser facilmente encontrados na linguagem do dia-a-dia, esse verbo, como forma polissêmica, aparentemente, é mais comum no vocabulário gírio.

Dividiremos os vocábulos em grupos distintos para, com base em nossa observação, tentarmos esclarecer o motivo pelo qual esse verbo é bastante empregado na instituição por todos os internos.

Pagar mijão, pagar nece, pagar um bode designam necessidades do ser humano, ou seja, urinar, evacuar e dormir, respectivamente. *Pagar na brasa* não denota uma necessidade do ser humano, entretanto os internos são viciados em cigarros, tornando o cigarro, desse modo, indispensável.

Quando o indivíduo paga por alguma coisa, acredita ter o direito de usufruí-la. Os vocábulos gírios apresentados revelam que, apesar da pouca escolaridade que possuem, os internos conhecem seus direitos. É muito comum ouvirmos os internos dizerem que são menores, portanto, possuem direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Baseados nesse conhecimento, alegam que seus responsáveis pagam impostos, o que lhes dá o direito ter suas necessidades atendidas. Quanto ao uso do cigarro, os internos ganham de amigos e parentes e acreditam que podem fumá-lo no momento em que houver vontade.

Para os internos, *pagar veneno*, ou seja, sofrer, é o modo de pagarem a penitência imposta a eles, pela justiça.

Os internos da FEBEM não gostam de seguir regras determinadas pela sociedade. *Pagar na missão* designa, justamente, desobedecer às regras estabelecidas. O verbo pagar lembra obrigação, palavra que, muitas vezes, assim como regras impostas, denota algo negativo e desagradável. É importante salientar que, apesar de desobedecerem às regras da sociedade, os internos possuem muitas normas de conduta que, caso alguém transgrida, será severamente punido.

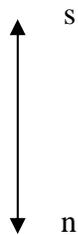
Pagar pode significar ainda, *acerto de contas*, ou seja, cobrar o que alguém lhe deve. No mundo do crime, o *acerto de contas* é comum, entretanto, nesse caso, não é com dinheiro que se paga, mas com a vida.

Os verbos polissêmicos expostos nesse capítulo estão diretamente relacionados à vida dos internos dentro da instituição. Em sua maioria, esse verbos revelam o comportamento mantido pelo infrator, bem como a consequência por infrações cometidas por algum interno, consideradas graves pelo grupo.

5 - CAMPOS LEXICAIS

Entendemos campos lexicais como o conjunto de vocábulos com características comuns no significado. Nesse caso, encontramos os sinônimos, as metáforas e vocábulos sem qualquer tipo de relação aparente. De acordo com Vilela, “o campo lexical compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas”. (1979: 60-1)

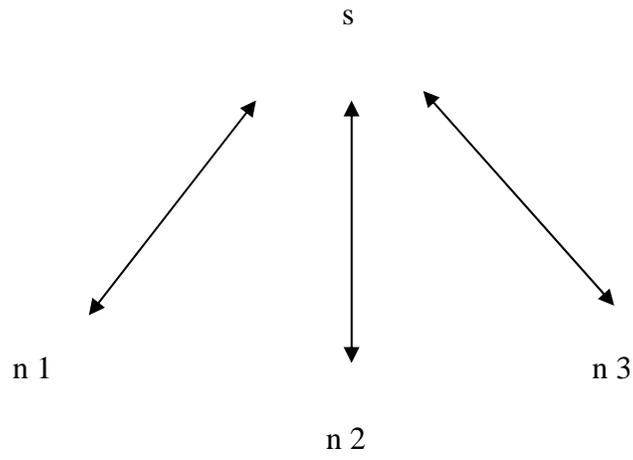
O estudo lexical das palavras pode ser realizado a partir de pesquisas propostas por Ulmann. Inicialmente, uma palavra possui apenas um significado, um sentido de base representado por uma linha única que liga dois pólos, sendo /s/ para sentido e /n/ para nome, onde as duas flechas mostram que a relação é recíproca e reversível:



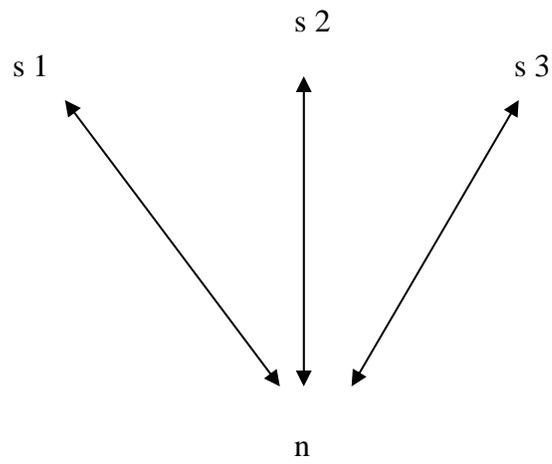
(cf. Ulmann, 1964:130)

No entanto, uma palavra não pode ser definida por apenas um significado, assim como um significado não pode ser representado por uma única palavra. É importante lembrar que as palavras assumem um significado de acordo com seu contexto, o que nos permite representá-la por meio dos seguintes gráficos:

1.



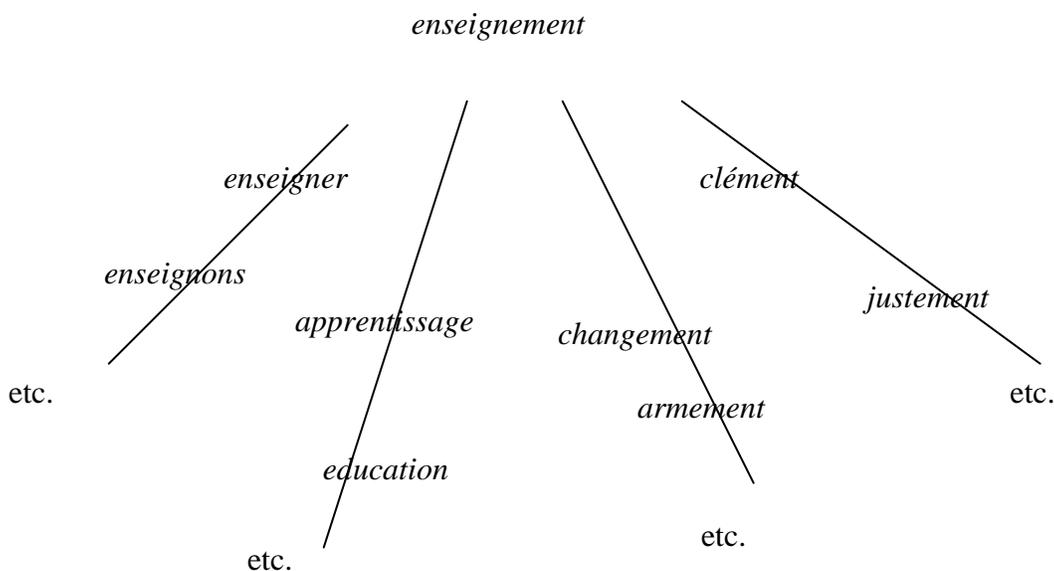
2.



(idem)

O primeiro gráfico representa os vários vocábulos que encontramos para designar um único significado. O segundo gráfico representa os vários significados que um mesmo vocábulo pode assumir.

Nosso estudo será focado no primeiro gráfico proposto. Para facilitar o estudo desse gráfico, bem como os vocábulos empregados pelos internos da FEBEM, utilizaremos o diagrama proposto por Saussure e citado por Ulmann sobre o campo lexical ou associativo da palavra. O diagrama abaixo revela uma variedade de possibilidades na formação do campo lexical.



Ao estudarmos o diagrama constatamos que do campo lexical ou associativo do substantivo *enseignement* (ensino) irradiam quatro linhas. A primeira linha liga-se ao verbo *enseigner* (ensinar) por semelhança formal e semântica que se baseia na raiz comum. Na segunda linha encontramos *apprentissage* (aprendizagem) e *éducation* (educação) que possuem semelhança

semântica. A terceira linha está preenchida com as palavras *changement* (mudança) e *armenment* (armamento) que apresentam o sufixo *-ment*, responsável por formar substantivos abstratos a partir de verbos. E, na última linha encontramos o adjetivo *clément* (clemente) e o advérbio *justement* (justamente), palavras possuidoras de semelhança acidental nas terminações. (cf. Ulmann, 1964: 499)

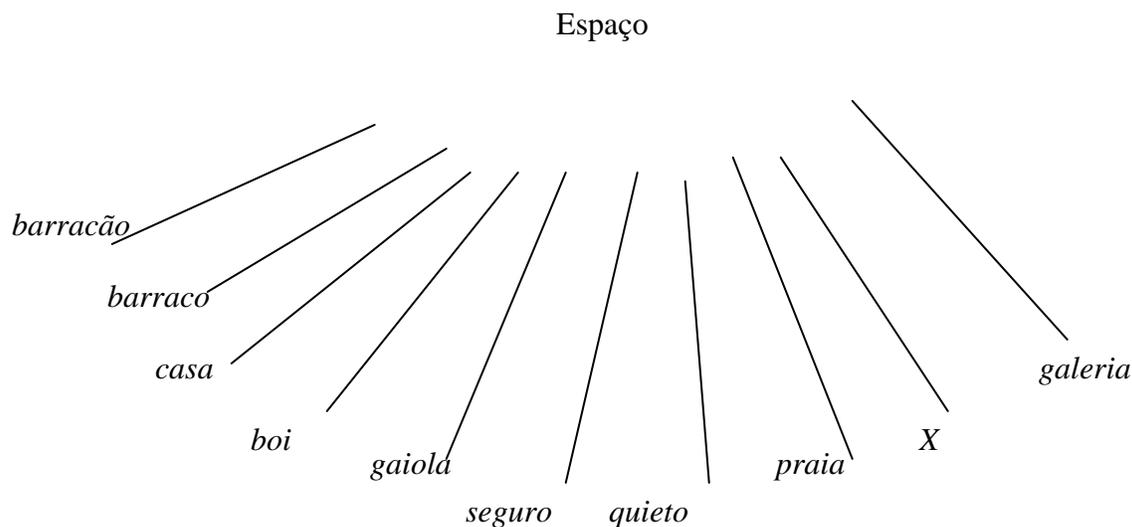
O campo lexical de uma palavra, portanto, pode ser formado por uma rede associativa baseada em semelhanças, contigüidade, proximidade ou, como já dissemos, por palavras sem qualquer relação aparente.

Utilizando o *corpus* recolhido na FEBEM para estudo, dividiremos os vocábulos gírios por áreas temáticas e empregaremos o diagrama proposto por Saussure (apud Ulmann, 1964:130) para análise.

5.1 - Espaço

Na FEBEM, o menor tem a possibilidade de estar em muitos lugares dentro e fora da instituição (para a realização de cursos profissionalizantes, tratamento psicológico e campeonatos entre unidades de internação). No entanto, o mundo é restrito e recebe denominações típicas.

O campo lexical que envolve os espaços a que os internos têm acesso revela, em alguns momentos, ironia, enquanto em outros, reflete a visão que possuem do mundo em que estão inseridos.



Casa é um vocábulo utilizado pelos internos, em geral, em duas situações: quando os internos querem saber se houve autorização por parte da diretoria da unidade para a realização de alguma atividade diferenciada ou quando se referem a rebeliões. É comum ouvirmos as seguintes expressões:

“A *casa* subiu¹¹.”

“A *casa* não autorizou a entrada das professoras.”¹²

“A *casa* virou.”¹³

Ao lado de *casa*, encontramos o vocábulo *praia*, que também não aparece muito nas conversas dos menores. Calculamos que isso ocorre, porque *praia* designa o espaço entre os beliches. Entretanto, como não há superlotação e todos

¹¹ Rebelião na UI.

¹² A direção da UI não autorizou a entrada das professoras.

¹³ Rebelião na UI

os internos possuem suas camas, não sentem a necessidade de falar muito sobre esse espaço. Tentaremos justificar o uso da gíria *praia*, com base em nossa observação.

De acordo com Stella (cf. 2003: 79), o vocábulo *praia* é muito utilizado em penitenciárias, designando chão. Como muitos internos são filhos de pais presidiários, acreditamos que o contato desses pais com seus filhos gerou um empréstimo do vocábulo. O emprego de *praia* para chão, revela ironia, pois *praia* transmite a idéia de liberdade, que os internos não possuem

Alguns internos dormem na *praia*, não por não possuírem cama própria, mas porque querem estar perto de colegas com quem têm mais afinidades. A separação do mundo externo e, conseqüentemente, da família e amigos faz com que os internos mantenham uma relação de amizade mais próxima com alguns companheiros. A necessidade de ter alguém mais perto em que se pode confiar é tão grande que alguns internos preferem trocar de dormitório e, conseqüentemente, dormir no chão, do que ter o suposto conforto de suas camas.

O vocábulo mais utilizado para designar espaço é *barraco*. *Barraco* é o nome dado aos quartos onde os menores dormem e, como seus bens são guardados nesse espaço, a todo o momento essa gíria é citada. *Barracão* é usado por eles como coletivo de *barraco*, pois quando se referem ao *barracão* estão falando do conjunto de dormitórios.

O vocábulo gírio *boi* é empregado para designar banheiro. Esse espaço da instituição possui apenas um vaso sanitário sem pia e torneira que possibilite qualquer tipo de higienização ou porta para manter a intimidade do usuário. No lugar da porta, há uma cortina improvisada por um lençol ou qualquer outro pedaço de tecido. Normalmente, os funcionários da instituição não acompanham o

usuário até esse espaço, por isso, em alguns casos, os internos aproveitam o *boi* para aplicar punições em seus companheiros. Um ex-interno da FEBEM, corroborando com essa informação, escreve:

Nós o levamos até o “boi” (banheiro) e dissemos que ele estava sofrendo muito e que continuaria sofrendo enquanto estivesse preso pelo fato de ter cometido estupro. (Evangelista, 2004: 108)

De acordo com Stella (cf.2003:79), *boi* é um vocábulo que existe há muito tempo em qualquer tipo de estabelecimento penitenciário, denominando, entretanto, latrina.

A *gaiola* localiza-se entre o pátio interno e a quadra de esportes da UI. É um espaço cercado de grades e paredes, com entrada e saída controlada por agentes de segurança. Esse espaço, quando ocupado pelos internos, assemelha-se às jaulas, utilizadas para exposição de animais ferozes.

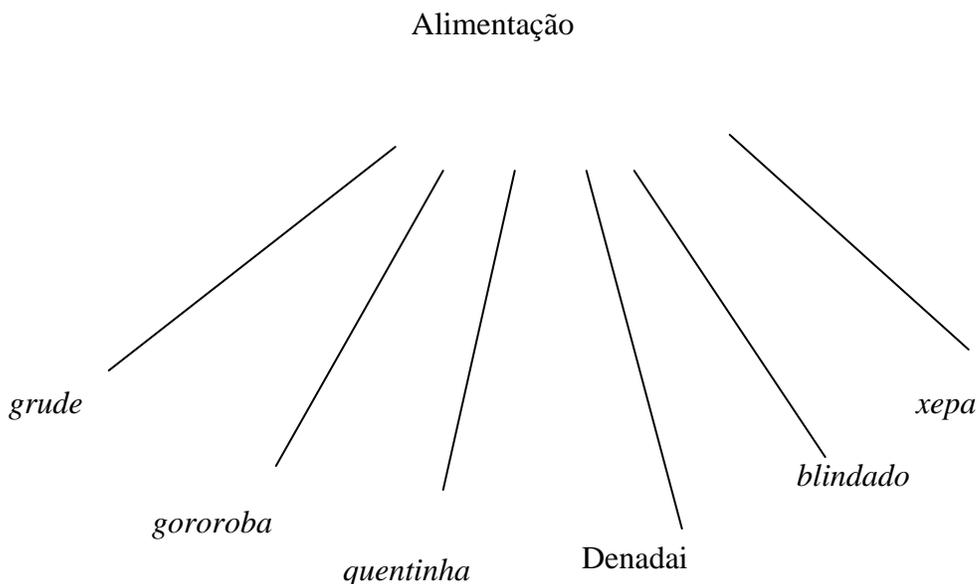
Os vocábulos gírios *seguro* e *X* designam quartos separados do convívio, usados para manter alguns infratores longe de seus companheiros. Para o *X* são encaminhados os infratores que a direção e a coordenação da UI julgam ser má influência para os demais. No *seguro* encontram-se menores rejeitados por seus colegas (estupradores, traidores etc), mantidos ali por questão de segurança:

O Fabio Cola e o Zé Galinha foram colocados em uma cela exclusiva para eles, chamada de “seguro”, onde a pessoa fica por não ser aceita pelos presos. É o modo de garantir a sua integridade física, no ambiente violento da cadeia. (Evangelista, 2004:106)

O *quieto* designa a cama do interno isolada por uma cortina feita de lençol. Se, ao entrar em um quarto, o menor encontrar o *quieto*, ou seja, a cama isolada por um lençol, deve permanecer em silêncio para não incomodar seu companheiro. O *quieto* torna-se, dessa maneira, o único local da instituição onde o interno pode chegar a ter um pouco de privacidade.

A gíria *galeria* designa o pátio interno da UI, localizado entre os dormitórios e o refeitório. Nesse local, o interno permanece grande parte do dia, sendo observado por funcionários da instituição sem que haja a necessidade de ultrapassar as grades de proteção. Durante as revistas, é nesse espaço que os internos permanecem.

5.2 - Alimentação



A hora da refeição é muito respeitada pelos internos. Nesse momento, os internos seguem para o refeitório, esperam ser servidos pelos menores responsáveis por distribuir a alimentação e, em hipótese alguma, avançam sobre a comida.

Durante o dia, é comum os internos permanecerem sem camiseta, principalmente, se estiver calor, entretanto em sinal de respeito às regras criadas por eles, no refeitório o corpo sempre está totalmente coberto.

Nos diferentes grupos que compõem a sociedade, observamos que são muitas as metáforas para a alimentação. Observamos que na FEBEM o campo lexical de alimentação, também, é rico em metáforas:

A comida é provavelmente nossa imagem gíria mais popular. A comida da fazenda, cozinha, ou mesa, e sua forma, cor e sabor sugerem muitas metáforas. Isso se deve a comida apelar para o paladar, olfato, visão e tato – quatro dos cinco sentidos: devido à comida ser uma imagem principal, universal para todas as pessoas e todos os sub-grupos. (Flexner, 1967: 14)

Grude e *gororoba* revelam uma alimentação descuidada, mal-feita, sem qualquer higiene, tempero ou sabor, refletindo a aversão que o menor sente pela refeição que lhe é oferecida. Além disso, a estrutura repetida do vocábulo *gororoba* revela sua formação onomatopaica.

Xepa é um vocábulo com designação pejorativa e denomina comida mal feita. Os internos acreditam que a *xepa* é feita com sobras de comidas, sem qualquer preocupação com higiene.

Quentinha é o vocábulo gírio empregado pelos internos para designar o alimento que recebem, geralmente, no horário do almoço, em embalagens descartáveis de alumínio, conhecidas como *marmitex*. Essas embalagens mantêm, durante um determinado tempo, a temperatura quente do alimento.

Além de manterem a temperatura, as embalagens de alumínio impedem o vazamento dos alimentos e, ainda, tornam visível qualquer tentativa de violação. Devido às características apresentadas pela embalagem, o alimento recebe, também, a denominação de *blindado*.

Um dos vocábulos mais empregado nesse campo lexical é a expressão *Denadai*. Acreditamos ser esse o vocábulo mais empregado quando os menores desejam manifestar o desprezo que sentem pelas refeições que recebem. Podemos classificá-lo como uma metonímia uma vez que o nome da empresa fornecedora substitui o conteúdo oferecido. Por acreditarem que os alimentos são preparados sem qualquer higiene, sempre que são acometidos por doenças (furúnculo e alergias são as mais comuns) culpam a *Denadai*, ou seja, a alimentação.

5.3 - Interno

Existem diversos vocábulos gírios para designar interno. Alguns possuem conceito positivo, como *ladrão*, *mano* e *truta*, outros possuem conceito negativo, como *jambrão*, *Jack*, *vagabundo* e *vacilão* e outros, ainda, sugerem tanto conceito positivo como negativo, como *gardenal*, *maluco* e *nóia*.

Os vocábulos do campo lexical do interno são formas nominais de tratamento e designam o tipo de relação existente entre os internos, bem como o papel exercido no grupo.

Assim como na sociedade, cada interno da FEBEM exerce uma função, um papel em seu grupo. Essa função ou papel representado pelo interno, revelará sua posição no grupo em que está inserido:

O conceito sociológico de *papel* está intimamente ligado ao de *status* e ambos se referem à participação do homem no *grupo social*. Assim, é natural entendermos que cada indivíduo tem uma posição dentro de um grupo. (Preti, 2000: 85)

A posição ocupada pelo interno dentro de seu grupo de internação varia muito e pode facilitar ou dificultar a relação dele com seus companheiros. Para que o grupo conheça a posição de cada um, o interno recebe uma alcunha.

Stella (2003: 93) escreve que “ao ingressar em um grupo ou facção dentro do sistema presidiário ou em uma quadrilha fora dele, o marginal recebe uma avaliação do grupo interessado. Suas qualidades ou atribuições podem classificá-lo na hierarquia do grupo”.

Para facilitar o estudo do campo lexical que envolve o interno, em nossa análise, separamos os vocábulos em três grupos distintos, de acordo com o conceito que apresentam. Os conceitos (negativos ou positivos), dizem muito sobre a relação entre os internos e sobre o comportamento que mantêm.

5.3.1- Conceitos positivos

Todo menor encaminhado para uma UI é avaliado por seus novos companheiros. Durante a avaliação, os internos observam se o novo companheiro

é contraditório no que diz, as qualidades e defeitos que possui. Suas habilidades ajudarão no momento de classificá-lo e, conseqüentemente, receberá uma avaliação positiva ou negativa.

Para receber do grupo uma denominação positiva, o menor precisa ter suas qualidades reconhecidas e exaltadas por seus companheiros. O interno, muitas vezes, tenta fingir ser o que não é para obter uma avaliação positiva, pois ser denominado por um conceito positivo facilitará sua vida na instituição.

Quando observamos de que maneira ocorre a interação entre os internos, podemos dizer que a UI está organizada como uma pequena sociedade, ou seja, há liderança, internos que apóiam e que se opõem à liderança estabelecida, regras e punições para quem desobedece-las, funções e papéis que devem ser desempenhados.

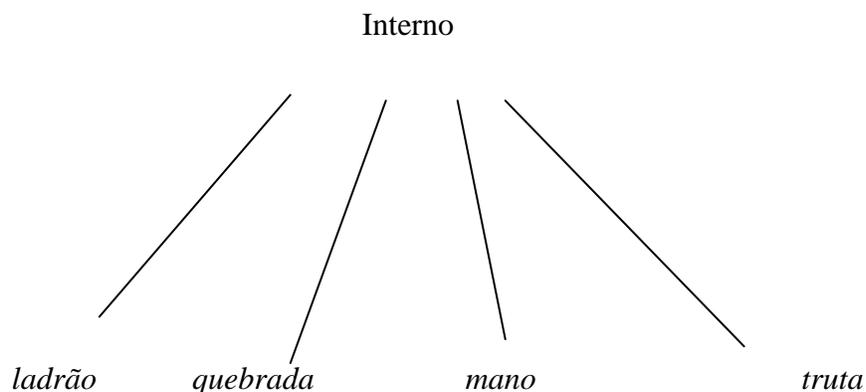
Nessa pequena sociedade, o papel exercido pelo interno possibilita a valorização ou desvalorização no grupo. Na tentativa de ser sempre valorizado, o interno, assim como o membro de uma sociedade, espera que suas habilidades, aos serem reconhecidas, dêem-lhe *status*, privilégios e, conseqüentemente, um tratamento adequado a sua posição. Preti, baseado em Goffman, escreve:

A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Ligado a este princípio há um segundo, ou seja, de que um indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve de fato ser o que pretende que é. Conseqüentemente, quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de

esperar. Implicitamente também renuncia a toda pretensão de ser o que não aparenta ser e, portanto, abre mão do tratamento que seria adequado a tais pessoas. (2000:87)

Desse modo, o membro de uma sociedade ou de um pequeno grupo marginal, possivelmente, exigirá de seus companheiros o respeito que julga merecer e repudiará qualquer tratamento que considere impróprio.

Os vocábulos que apresentaremos a seguir para designar interno, exprimem conceitos positivos e, conseqüentemente, quem o recebe, terá um *status* em seu grupo.



Os vocábulos gírios *mano* e *truta* são bastante utilizados na instituição, para designar o indivíduo com quem se mantém uma relação de amizade. O vocábulo *mano* designa o companheiro em quem se confia muito, considerado irmão. *Truta* indica companheiro e comparsa e aparece fora da instituição, na gíria da malandragem.

O vocábulo gírio *ladrão* é empregado para quase todos os menores que permanecem no convívio. É comum ouvirmos:

“*Liga o ladrão.*” (Chame-o)

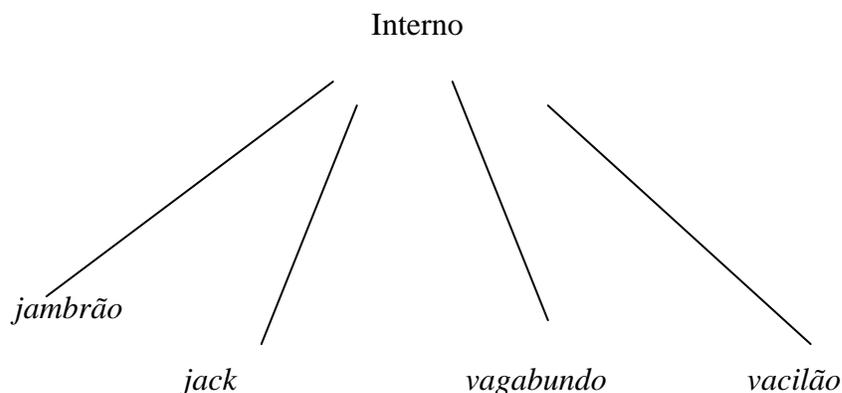
Esse vocábulo gírio denomina qualquer indivíduo infrator que receba conceito positivo, mesmo que não esteja preso por roubo. É uma maneira dos internos mostrarem que o companheiro (tratado como *ladrão*) foi aceito pelo grupo.

Assim como *ladrão*, *quebrada* é um vocábulo muito usado na instituição. São chamados de *quebrada* indivíduos que, antes da internação, moravam no mesmo bairro, entretanto nem todos os que possuem essa característica recebem essa alcunha, pois só é considerado *quebrada* aquele com quem se tem afinidade

5.3.2 - Conceitos negativos

Dentro da FEBEM, em geral, os internos sabem da vida criminal um do outro e, de acordo com a atividade ilícita que praticaram, ou do comportamento que mantêm dentro da UI, recebem uma alcunha, denominada, pelos internos, *vulgo*.

Se o interno não mantém ou não manteve uma conduta adequada aos padrões exigidos pelas normas do grupo, é desqualificado. Essa desqualificação produz um conceito negativo, que gera rivalidade entre os internos, podendo, em alguns casos, culminar em rebeliões.



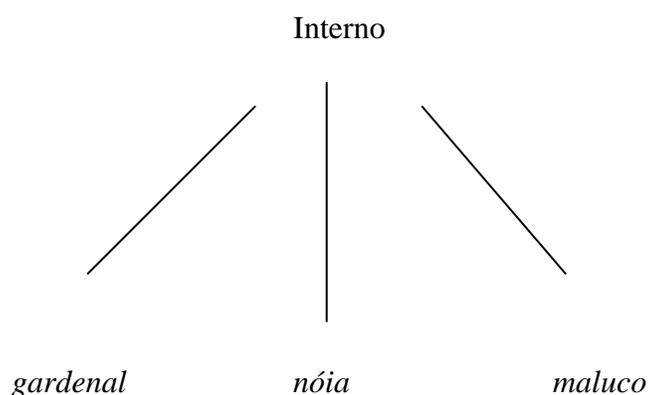
Os termos *jambrão* e *vacilão* designam internos que de algum modo “permitiram” algum tipo de moléstia sexual, quando criança, por familiares, vizinhos ou qualquer outra pessoa, ou na adolescência por parte de seus companheiros. Geralmente, esses internos são separados do convívio para que não sejam mortos. O termo *vacilão* é uma forma aumentativa do verbo *vacilar* e denota, também, o indivíduo que traiu os outros, delatando-os aos agentes de segurança.

O indivíduo considerado *Jack* é o mais rejeitado. Enquanto em raríssimos casos, o *jambrão*, ou o *vacilão* podem chegar a ser aceitos novamente, o *Jack* jamais poderá fazer parte do grupo e, caso algum interno chegue a cogitar a possibilidade de aceitá-los, também será excluído do convívio. É chamado de *Jack* o estuprador que, se permanecer junto dos outros internos, será violentamente estuprado ou morto por seus colegas:

O Tico ficou louca da vida. Não queria morar com um tipo desse, mas veja bem: qualquer atitude em benefício do estuprador pode fazer com que a população da cadeia se vire contra quem defender o estuprador em qualquer situação. Éramos obrigados, de certa forma, a satisfazer a perversa disposição dos outros prisioneiros, de torturar o estuprador. (Evangelista, 2004: 107)

5.3.3 - Conceitos positivos e negativos

Algumas gírias referentes a interno são utilizadas ora com conceito positivo, ora com conceito negativo. Nesse campo lexical faremos um estudo sobre os vocábulos que designam internos, mas que necessitam do contexto para esclarecer o significado.

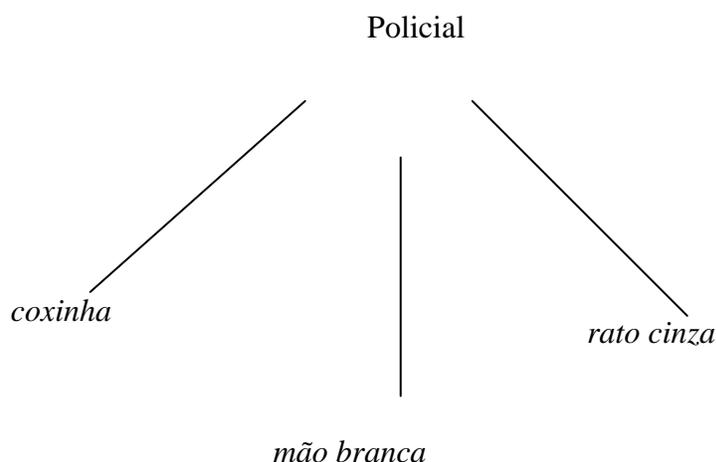


A gíria *gardenal* é uma metonímia do nome do remédio que alguns internos precisam ingerir para que se mantenham em condições normais e controláveis. Muitas vezes, o vocábulo *gardenal* é empregado de modo positivo, como referência a alguém que faz uso do remédio, no entanto quando o grupo está envolvido em alguma atividade que considera importante e um interno resolve atrapalhar, com brincadeiras ou provocações excessivas, é chamado de *gardenal*. Nesse caso, o interno *gardenal* sofrerá sanções do grupo.

Os vocábulos gírios *nóia* e *maluco* são utilizados para indivíduos com quem se têm alguma afinidade, no entanto em momentos de tensão, quando se acredita que há algum tipo de conspiração, os internos suspeitos são denominados *nóia* ou *maluco*. No mundo das drogas, *nóia* designa, ainda, o indivíduo que, constantemente, faz uso de drogas.

5.4 - Policial

Os vocábulos que aparecem no campo lexical de policial revelam toda ironia e desprezo que os infratores sentem pela figura do homem da lei. Isto ocorre porque ele é o responsável pela internação do infrator.



Devido à profissão que exercem, os policiais levam uma vida desregrada, sem horário fixo para uma refeição adequada, sendo obrigados a alimentarem-se em estabelecimentos que, na maioria das vezes, oferecem alimentos populares.

A coxinha, um alimento salgado vendido, geralmente, nesses estabelecimentos, é consumida por indivíduos que, assim como os policiais, trabalham nas ruas. O vocábulo *coxinha* é uma metonímia com o alimento salgado vendido em bares. Ao utilizar a gíria *coxinha*, o infrator tenta depreciar a figura do policial, de modo ofensivo, mostrando o desprezo que o infrator sente pelo policial.

De acordo com Stella (cf. 2003: 98), *coxinha* é um vocábulo utilizado também nos presídios da cidade e do interior do estado de São Paulo. Acreditamos

que esse vocábulo, assim como *praia*, é um empréstimo gerado a partir do contato dos menores com pais, parentes e amigos que já passaram pelo sistema penitenciário do Estado de São Paulo.

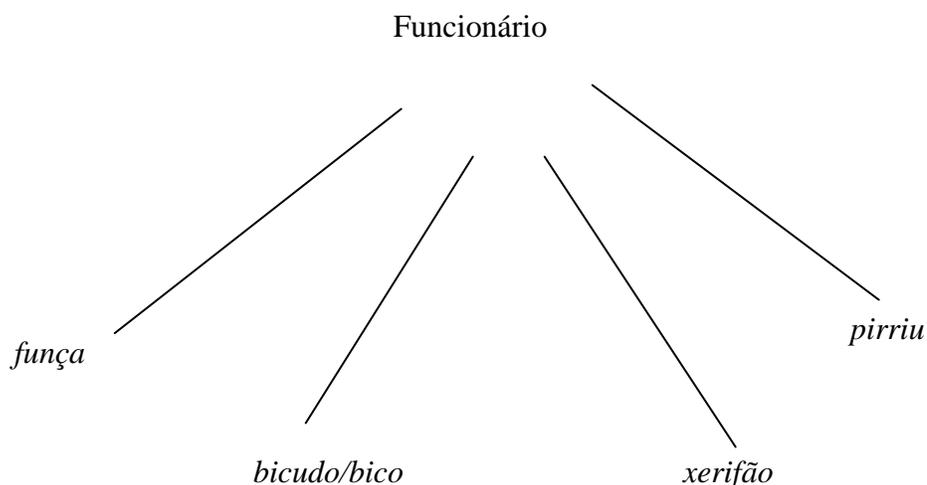
Os vocábulos *mão branca* e *rato cinza*, na verdade, representam uma metonímia em que o uniforme cinza e as luvas brancas, utilizados pelos policiais em ocasiões especiais e solenes, são tomados pela profissão. Além disso, *rato cinza* faz referência ao animal, considerado um ser desprezível, transmissor de doenças graves, traduzindo, de maneira objetiva, o sentimento que o infrator nutre pela figura do homem da lei.

Cabello (1989:51) escreve que o vocábulo *rato* é empregado há algum tempo no sistema prisional, entretanto inicialmente, não designava o policial, mas ‘ladrão’, ‘larápio’:

Alguns termos podem ser abandonados, mas, em contrapartida, outros são reaproveitados no momento em que se processa, por exemplo, uma transferência semântica. Ilustra esse fato o termo rato, que, ao transitar de um grupo para outro, foi acometido por uma transferência semântica, quer dizer, numa etapa o termo foi aproveitado com sentido de ‘ladrão’, ‘larápio’ e, posteriormente, foi reaproveitado para designar o ‘policial’.

5.5 - Funcionário

Dentro de uma instituição corretiva, em geral, o funcionário responsável pela permanência do menor preso, é tratado de modo grosseiro. Por isso, assim como as gírias empregadas para se referir ao policial, as utilizadas para o funcionário também revelam o desprezo que os infratores sentem por esse grupo.



Na linguagem popular, temos o vocábulo *bicão* que designa a *peessoa intrometida*. *Bico* e *bicudo* são variações desse vocábulo e denominam o indivíduo que costuma envolver-se nas conversas de outras pessoas sem ser convidado. Ao chamar o funcionário de *bicudo*, o adjetivo substantivado revela que o funcionário é tido como alguém que costuma envolver-se nos problemas dos outros sem ser solicitado.

Uma outra forma de se referir ao funcionário é por meio da gíria *xerifão*, variação de xerife. O vocábulo xerife faz referência ao indivíduo que possui autoridade legal em uma determinada localidade. Aproveitando-se desse significado, os infratores costumam tratar de *xerifão* o diretor da UI e, também, funcionários que costumam dar muitas ordens.

Qualquer indivíduo (funcionário, professor, interno, visitas) que queira entrar ou sair do complexo ou das unidades precisa ser revistado. O *pirriu* é o funcionário responsável pela entrada e saída de qualquer indivíduo da UI e do complexo, pelas revistas das visitas, familiares, funcionários, professores que entram ou saem da instituição.

O *pirriu* não anda armado, deve comunicar ao chefe de segurança toda anormalidade e impedir a entrada de objetos e substâncias proibidas pelo regulamento da FEBEM. Alguns permanecem em lugares estratégicos com cães treinados para atacar, caso haja necessidade.

Pirriu é uma forma onomatopaica que lembra o som produzido por algumas aves. Assim como a ave tem a possibilidade de sobrevoar e “observar” uma determinada localidade, o *pirriu* pode vigiar os internos, a partir de guaritas localizadas acima dos muros da UI. Segundo os internos, a função do *pirriu* é *urubuservá-los*.¹⁴

O vocábulo gírio *funça* revela uma forma pejorativa de se referir a alguém que os internos consideram como inimigo. Dirigir-se a um superior desta maneira, demonstra ironia e agressividade, revelando a visão desmoralizante que o falante tem do funcionário.

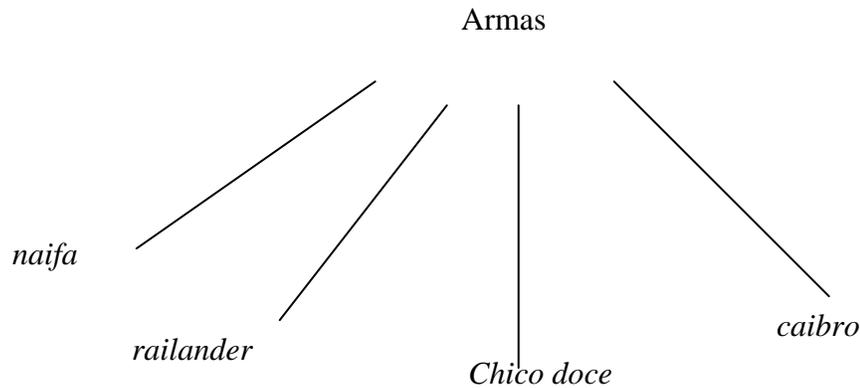
5.6 - Armas

Na vida criminal é necessário ter e saber manusear armas, principalmente de fogo, pois elas possibilitam a prática de atos ilícitos e, ainda, se tornam a maneira mais eficaz de defesa encontrada pelos infratores, caso haja a necessidade de confronto com a polícia ou com grupos rivais.

Na unidade de internação em que centramos nossa pesquisa não houve, no período em que lá estivemos, registro de entrada de armas de fogo, mas as armas

¹⁴ *Urubuservar*: gíria empregada com o significado de observar.

fabricadas dentro da instituição, conhecidas como armas brancas, são comuns. A fabricação é rápida e requer a participação de todos.



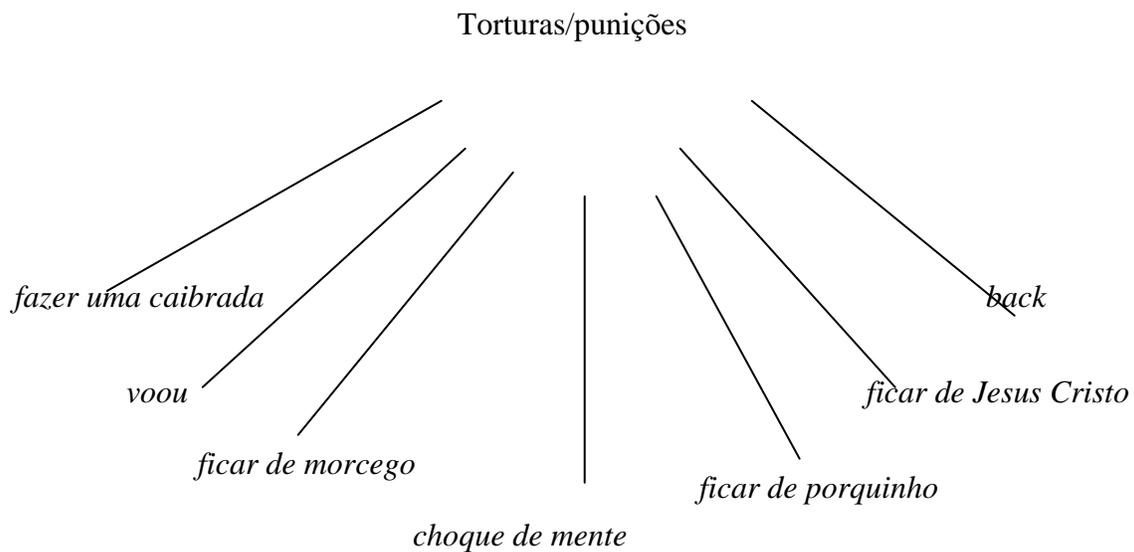
A *naifa* é a arma mais comum. É feita de qualquer material que possa ficar pontiagudo: pedaços de madeira ou ferros retirados da estrutura da UI, escova de dente com lâminas de apontador e, até mesmo, lápis de escrever bem apontados. São utilizadas em brigas entre os internos, em desentendimento com agentes de segurança e funcionários em geral. A *naifa* é, portanto, uma faca artesanal e recebeu este nome com base na palavra inglesa *knife*. A influência da língua inglesa, como já vimos no capítulo quatro (processo de formação da gíria), ocorre por meio do contato que os internos mantêm com músicas que apresentam palavras de origem estrangeira.

Uma espécie de arma utilizada somente em rebeliões, feita de material retirado da estrutura dos prédios onde os menores permanecem, ou seja, barras de ferro, pedaços de canos retirados da tubulação de água, pedaços de madeiras, é conhecida como *railander*. Parecida com espada ou lança, é uma arma bastante perigosa, uma vez que possui “lâmina” artesanal muito afiada e costuma ser apontada para os reféns nos telhados das unidades, sem que haja a necessidade do agressor permanecer próximo de sua vítima.

Chico doce designa um pedaço de madeira enrolado em tecido, utilizado pelos menores para bater em suas vítimas. Segundo os internos, recebe o adjetivo *doce* por não machucar muito quem apanha, já que o tecido suaviza o impacto. O *caibro* também designa um pedaço de madeira, no entanto, o estrago é maior, pois a vítima sente o impacto sem que nada amorteba o choque.

5.7 - Torturas/ punições

Dentro da unidade é comum haver sanções para qualquer interno que quebre as regras estabelecidas pelos menores. Até mesmo os líderes são punidos quando não agem de acordo com essas leis. Qualquer indivíduo que faça algo que os menores julguem traição, erro, conspiração será condenado. Quando alguém é condenado, pode receber qualquer uma das torturas ou punições.



Com exceção do *choque de mente*, as punições que descreveremos aqui, são aplicadas pelos internos, em companheiros que, de algum modo, falharam com o grupo.

Como já vimos, o *caibro* é uma arma utilizada pelos internos para agredir quem for julgado merecedor e, *fazer uma caibrada* consiste em utilizar o *caibro* com bastante violência para aplicar a sanção.

A tortura mais aplicada pelos internos na instituição é denominada *choque de mente*. Ao chegar à UI, o novo interno é recebido friamente pelos novos companheiros que decidirão se o novato poderá ou não conviver com os demais. Para avaliar o novo interno, os infratores que estão na instituição há mais tempo aplicam o que designam *choque de mente*, uma espécie de tortura que consiste em encontrar mentiras ou contradições nas afirmações e negações de quem está sendo interrogado. Isso ocorre da seguinte maneira: várias perguntas são feitas ao mesmo tempo por diferentes internos, seguidas de ameaças na tentativa de apavorar quem está sendo interrogado:

Veja que não é possível ficar calado, deixar de passar as informações que são exigidas pelos outros internos. O que eles procuram especialmente são contradições na sua história. (Evangelista, 2004: 117)

O *choque de mente* também é aplicado pelos internos em funcionários e professores recém contratados, pois, assim como o novo interno, quem trabalha com esse grupo também é avaliado por eles. Essa tortura é muito utilizada por não provocar ferimentos físicos o que, conseqüentemente, não gera ou ao menos dificulta o boletim de ocorrência.

Quando os menores sentem a necessidade de punir um companheiro de modo que o peguem de surpresa, a sanção é aplicada no momento do sono. Para tanto, no momento em que o interno, que sofrerá a sanção, estiver dormindo, o lençol que cobre seu colchão é puxado violentamente, fazendo-o cair abruptamente no chão. Essa tortura é denominada *voou*.

Ficar de morcego, ficar de Jesus Cristo e ficar de porquinho são as piores torturas aplicadas dentro da instituição. Na primeira (*ficar de morcego*) o indivíduo que será punido é pendurado de cabeça pra baixo de cabeça para baixo (como morcego). Na segunda (*ficar de Jesus Cristo*), tão violenta quanto a primeira, o infrator é suspenso como Jesus na cruz e torturado.

No entanto, embora as duas primeiras sejam cruéis, a mais violenta e humilhante é a terceira (*ficar de porquinho*), pois nela o condenado permanece amarrado nu, com pé e mãos juntos de modo que seja introduzido uma espécie de bastão em seu ânus. Para os internos, nada deve ser introduzido no ânus de um homem e, caso isto ocorra, o homem deixa de existir e se torna um homossexual, desprezado pelo grupo.

O *back* designa uma espécie de tortura em que o indivíduo é enforcado até perder os sentidos. Quando a intenção é punir, o *back* é aplicado com extrema violência, entretanto muitas vezes, o *back* é empregado sem a intenção de machucar, com a permissão do enforcado, apenas como meio de diversão. Ao utilizar essa forma de distração, o interno deseja revelar o quanto é forte e, dessa maneira, conseguir o respeito dos companheiros que, em muitos casos, não conquistou por meio de suas habilidades.

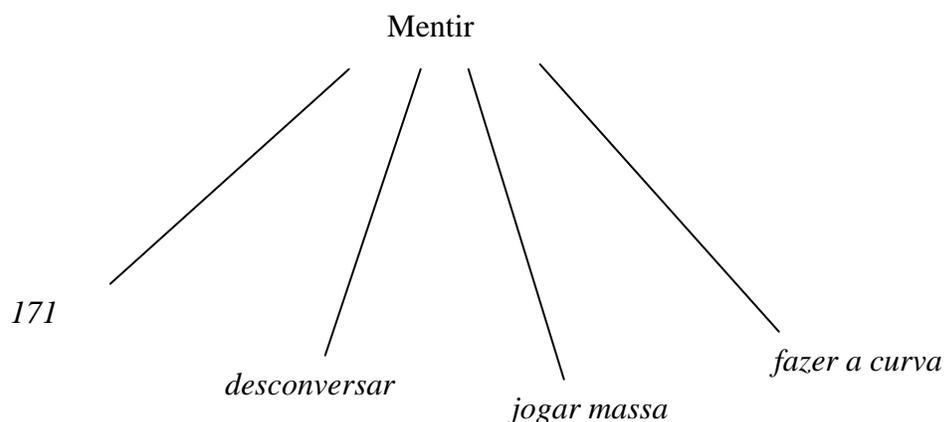
5.8 - Brincadeiras

Pombo é um vocábulo empregado para designar a mistura de creme dental com lama, hidratante e outros produtos que estiverem a disposição na instituição. Depois de pronta, a mistura, semelhante às fezes da ave que deu nome a brincadeira, é passada no corpo, cabelo, rosto de quem estiver brincando.

A gíria *galinhagem* designa qualquer tipo de brincadeira feita com companheiros, professores, funcionários, visitas. Para essa brincadeira não existem regras, pois não consiste em um jogo, mas sim na maneira como o interno se comporta em determinada situação. Assim sendo, uma ironia, um gesto, uma ameaça podem ser classificados, por eles, dependendo das circunstâncias, como *galinhar*.

A forma verbal *galinhar* é um exemplo do empréstimo da gíria comum para a gíria criptológica. Na gíria comum, o homem que costuma *galinhar* é aquele que sai com muitas mulheres, que tem uma vida sexual ativa e variada e, conseqüentemente, é visto pela sociedade como um homem viril. Já a mulher que tem o hábito de *galinhar*, ou seja, relacionar-se com diversos homens, é considerada prostituta. Para manter o caráter secreto, a forma gíria *galinhar*, empregada pelos internos da FEBEM, perdeu essa conotação sexual.

5.9 - Ato de mentir



Para o infrator, mentir é muito grave e, entre eles, é uma falha que jamais deve ocorrer. No campo lexical do verbo mentir, encontramos quatro vocábulos gírios.

O primeiro, muito utilizado na linguagem do dia-a-dia, é *171*. Esse vocábulo, contudo, já apareceu em uma música entoada há alguns anos. *171* é um empréstimo da gíria policial. De acordo com Serra e Gurgel (1990), *171* é um vocábulo gírio empregado por policiais e designa “quem aplica golpes, falsário”. *171* pode estar relacionado, ainda, ao artigo 171 do Código Penal que trata da fraude, pois, para os internos, quem mente é uma fraude.

É considerado *171* o indivíduo que costuma falar muito, contar vantagens, dizer que fez ou possui uma série de coisas, no entanto, com o tempo, descobre-se que nada era verdade. Geralmente, o *171* deseja aparentar mais do que realmente é para obter privilégios.

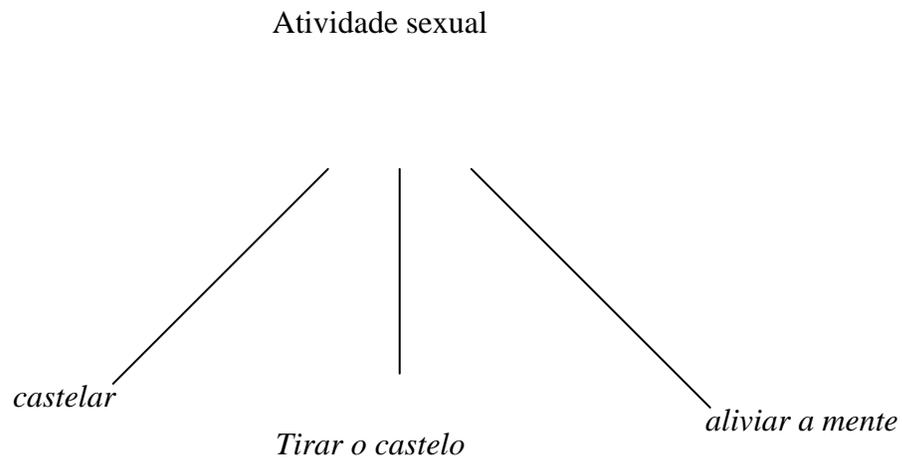
A expressão *jogar massa* possui significado semelhante a *171*, pois *jogar massa* também designa o indivíduo que costuma dizer que realizou diversas atividades sem, entretanto, ter executado nada.

Os vocábulos gírios *desconversar* e *fazer a curva* conotam a conversa de indivíduos que costumam mudar de opinião. Dentro da instituição, deve-se ter sempre a mesma opinião, pois, para os internos, mudá-la é uma falta grave. Qualquer pessoa que deixe de expressar a mesma idéia sobre determinada situação ou caia em contradição é denominado mentiroso e para os internos não merece confiança.

5.10 - Atividade sexual

Na instituição não é permitido visita íntima, o que impede a relação sexual entre homem e mulher. Por isso, a masturbação é uma das únicas maneiras que os internos encontram para satisfazer os desejos sexuais.

No campo lexical que envolve a atividade sexual, encontramos apenas três vocábulos gírios.

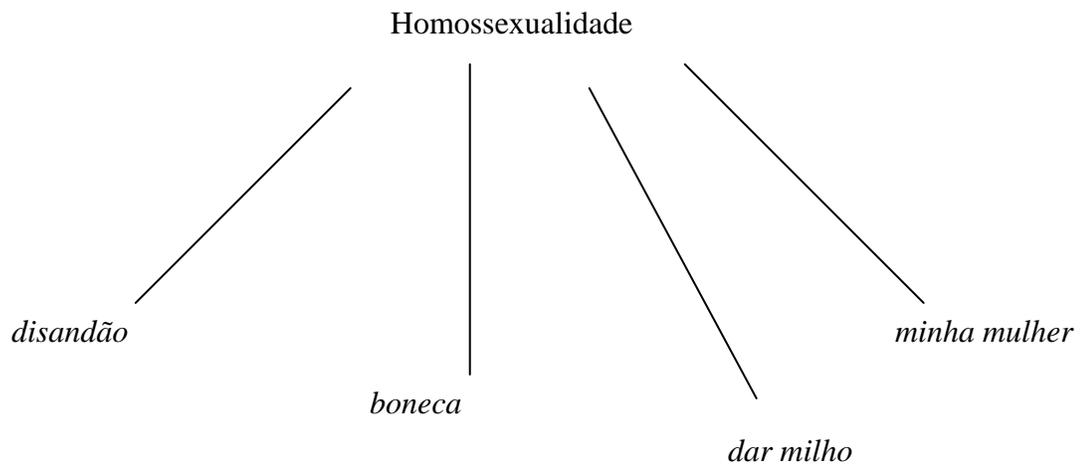


A gíria *castelar* significa pensar, contudo, não é pensar somente, é imaginar-se mantendo relação sexual com alguma mulher que os internos considerem bonita.

Tirar o castelo e *aliviar a mente* são vocábulos que se referem à masturbação, contudo *aliviar a mente* designa, também, o interno que consegue burlar a vigilância para manter relação sexual com qualquer pessoa do sexo oposto.

Muitos dos internos iniciaram a vida sexual fora da instituição. Como eles não têm muitas opções, devido às circunstâncias, e, nem sempre, a masturbação satisfaz seus instintos, optam pela homossexualidade.

5.11 – Homossexualidade



Todos os vocábulos do campo lexical de homossexualidade denotam o indivíduo passivo durante a relação sexual. Os internos acreditam que só é homossexual aquele que, assim como a mulher, “recebe” o ato sexual, ou seja, permite ser “*comido* pelo homem”.

Em alguns casos, o infrator pode ser mantido imobilizado por uma parte do grupo, enquanto outros o estupram. Isso ocorre, principalmente, com quem foi encaminhado à instituição por abuso sexual. E, ainda assim, vítima da violência, o estuprado é considerado homossexual.

Os vocábulos desse campo lexical podem, ainda, ser empregado apenas como forma de diversão ou ofensa, sem entretanto, denominar o indivíduo que o grupo considera homossexual.

A gíria *minha mulher*, por exemplo, além de denotar o indivíduo estuprado por um garoto, pode revelar a submissão de alguns internos a outros. É comum observarmos alguns internos junto a seus companheiros, ajudando-os no que for solicitado, sem questionar. Em troca dessa ajuda incondicional, os internos, em geral, os mais fracos do grupo, recebem segurança. Caso alguém que não faça parte de seu grupo de amizade (funcionário, interno, professor) o ameace (usando violência, delatando-o, ofendendo-o etc), será punido, de alguma maneira, pelo “protetor” do interno intimidado.

As gírias *dar milho*, *disandão* e *boneca*, além de designarem o homossexual, são utilizadas, algumas vezes, como forma de ofender um companheiro. Durante uma discussão, o uso desses vocábulos pode transformá-la em uma briga violenta e, dependendo dos envolvidos, culminar em rebelião.

Dar milho refere-se ao indivíduo que permite o sexo anal. O vocábulo *disandão* é uma forma aumentativa do verbo *desandar* e seria uma forma de dizer que o interno “deixou o caminho que todos os homens devem andar”.

Boneca é muito utilizado popularmente para designar mulher bonita, namorada. O emprego desse vocábulo é uma forma pejorativa de referir-se aos companheiros.

Todas as gírias referentes ao homossexualismo são tidas como ofensas graves, e chamar um companheiro por um desses vocábulos pode gerar revolta. O interno ofendido pode, ainda, desafiar quem o ofendeu para mostrar ao grupo quem, na verdade, é homossexual.

6 – OS INTERNOS DA FEBEM E A GÍRIA

Os internos da FEBEM vivem em constante conflito com a sociedade que os cerca e, principalmente, com os funcionários responsáveis pela permanência deles na instituição. Como estão impedidos de fazer parte da sociedade, utilizam um vocabulário secreto, com o intuito de se defenderem de quem os excluiu. Preti escreve que nesse caso, a gíria “adquire condição de signo de grupo, identificador, e elemento de defesa e proteção”. (1984a: 23)

Ferrero, corroborando com o aspecto de defesa, afirma que a “gíria é uma língua de guerra que é melhor organizada onde a luta é maior, onde o assalto é mais agudo e a defesa mais urgente”. (1972:11)

A gíria empregada pelos internos da FEBEM, como vimos, é uma variação da língua comum em que seus usuários alteram o significado ou deformam o significante. O novo significado dado ao vocábulo torna-se, desse modo, inacessível aos não-iniciados.

O objetivo de se criar um vocabulário secreto é preservar a comunicação dos internos da FEBEM, para que se mantenham coesos e se diferenciem dos falantes comuns.

A propósito desse aspecto, Veneroso, em seu estudo sobre a descaracterização da gíria, escreve:

As criações gírias atuam essencialmente no léxico da língua pelo fato de ser este o campo lingüístico mais flexível e propenso a modificações. A fim de tornar sua fala ininteligível para os demais usuários da língua, certos grupos sociais alteram

o sentido dos vocábulos – modificando significados ou deformando significantes – criando, assim, uma linguagem secreta, acessível somente aos iniciados no grupo. Ao preservar a significação dos vocábulos, a gíria passa a ser privilégio exclusivo do grupo que a utiliza. (1999:37)

Ao ingressar na FEBEM, muitos internos desconhecem esse vocabulário. Isso se deve ao fato de que, muitas vezes, o novo interno nunca esteve em uma unidade de internação (UI), não pertencendo ao grupo dos infratores que ali se encontram. O novo interno, nesse caso, deve aprender os vocábulos gírios e seus significados o mais rápido possível, pois, do contrário, poderá encontrar muitas dificuldades para se relacionar com os novos companheiros.

Quando um menor infrator ingressa na instituição, enfrenta um debate em que é avaliado pelos internos mais antigos. Essa avaliação será positiva ou negativa, de acordo com as respostas dadas as questões feitas. Como já vimos, o desempenho do novo interno facilitará ou dificultará o convívio na UI. Durante o debate, gírias são empregadas constantemente e, caso o interrogado não saiba o significado dessas gírias, não haverá interação. A gíria, muitas vezes, é utilizada pelos internos como forma de intimidar o novo companheiro que não a conhece.

Além disso, em um ambiente de reclusão como a FEBEM, geralmente, ninguém confia em ninguém. Um interno, por desconhecer o significado do vocabulário empregado, poderá fazer afirmações contraditórias. Essas afirmações gerarão desconfiança em seus companheiros e, conseqüentemente, rejeição.

Além de conhecer as gírias, o interno deve ser capaz de manter o significado delas em segredo. Durante nossa pesquisa, presenciamos um problema enfrentado por um dos infratores que nos auxiliava. Um dos internos, ao tomar conhecimento de que seu companheiro estava revelando os significados de algumas gírias, acusou-o de conspiração. Disse-lhe ainda que o interno estava

*correndo junto*¹⁵ pra *ganhar jumbo do mundão*¹⁶ e por isso *estava pego na maldade*¹⁷.

Na verdade, não existia rivalidade entre os dois internos, entretanto a possibilidade de indivíduos não-iniciados terem acesso ao significado do vocabulário secreto que os internos utilizam, ameaçava a unidade do grupo e, conseqüentemente, um de seus mecanismos de defesa .

Ao ingressarmos na FEBEM, recebemos, de funcionários mais antigos, algumas orientações referentes ao comportamento que devíamos manter em algumas situações. Dentre elas, foi nos dito que jamais interferíssemos em qualquer discussão ou briga que pudesse ocorrer entre os internos. Portanto, quando os dois internos iniciaram a discussão, apenas observamos o que acontecia.

Embora muitos dos internos estivessem dispostos a nos ajudar, algumas vezes, negavam-se a dizer-nos o significado de determinadas gírias. Quando questionávamos o motivo, diziam que não podiam ou alegavam que a gíria era desrespeitosa.

O fato de alegarem que revelar o significado de determinadas gírias relacionadas à sexualidade seria faltar com respeito à pesquisadora, mostra que, apesar da vida censurável que levam, da situação marginalizada em que estão, os internos possuem uma moral.

¹⁵ *Correr junto* - ajudar

¹⁶ *Ganhar jumbo do mundão* - conseguir benefícios de fora da instituição (alimento, papel celofane ou sulfite, canetas etc)

¹⁷ *Estar pego na maldade* – ser descoberto e sofrer as conseqüências

A questão da moral pode ser observada não apenas na fala, mas, também, no comportamento que as regras criadas pelos próprios internos exigem que mantenham diante dos amigos e familiares que os visitam na instituição.

Na presença dos visitantes o interno não pode, em hipótese alguma, olhar para mulheres que estiverem visitando seus companheiros, coçar ou mostrar qualquer parte do corpo: a camiseta e a calça ou bermuda devem estar inteiras. A camiseta deve, ainda, cobrir o corpo do interno até a altura do pescoço. Caso a roupa esteja rasgada, o interno deve trocá-la antes de aparecer na frente de uma visita. Se não houver outra para a troca, o interno deve colá-la com uma fita adesiva.

Podemos, ainda, verificar como esse aspecto da moral é visto com seriedade pelos internos, observando as regras criadas por eles em relação à atividade sexual. Como já dissemos, devido à situação em que estão, os internos encontram dificuldades para manter relação sexual com alguém do sexo oposto e, muitas vezes, recorrem ao que denominam *tirar o castelo*, ou seja, recorrem a masturbação. No entanto, em respeito aos companheiros, o interno não deve usar a gíria *tirar o castelo* ou outra relacionada ao sexo, na presença de visitas, principalmente, se for alguém do sexo feminino.

Essa não é a única regra existente para a masturbação. Na UI, a masturbação só é permitida de terça-feira a sábado, pois, de acordo com os internos, como no domingo é dia de visita, quem se masturba no domingo ou na segunda-feira poderia estar pensando nas visitas e, portanto, desrespeitando o colega. Quando o interno não respeita as regras relacionadas às visitas, o grupo se reúne para que o líder exponha o que aconteceu. Depois que todos estão cientes, uma sanção é aplicada ao transgressor.

Um vocábulo gírio que exemplifica essa questão da moral é *trem-bala*. Algumas vezes, esse vocábulo foi empregado pelos internos em nossa presença. Pelo contexto em que foi utilizado, acreditamos que se trata de uma punição aplicada em estupradores, entretanto quando perguntamos o significado, os internos negavam-se a esclarecer e, alguns, mostrando indignação, queriam saber quem nos havia revelado essa gíria.

Trem-bala é um gíria que aparece em um livro¹⁸ escrito por um ex-interno da FEBEM, no entanto, seu significado não é revelado. Mesmo mostrando que a gíria já havia sido publicada, os internos negaram-se a revelar o significado.

Os internos da FEBEM utilizam a gíria para se comunicar em quase todos os momentos e não negam seu uso. Às vezes, podíamos observar, também, o uso da gíria comum. Contudo, o emprego da gíria específica do grupo em que estão inseridos era regra geral. Para eles, é motivo de orgulho conhecer e utilizar esse vocabulário.

Apesar do orgulho que diziam sentir em relação ao vocabulário, os internos demonstravam preconceito em relação ao uso das gírias por pessoas do sexo feminino.

Os internos não admitem que suas namoradas empreguem gírias para se comunicar. Segundo os internos, “é feio mulher falar gíria”. Esse conceito não é válido somente para as namoradas, mas para qualquer pessoa do sexo feminino, seja professora, técnica, psicóloga, diretora da UI. Para eles, “gíria é coisa de bandido”.

¹⁸ Luz no fim do túnel de Cleonder Evangelista (vide referências bibliográficas)

Quando os internos iam dormir, ao banheiro ou simplesmente fazer um passeio pela UI, diziam, respectivamente, que iam *tirar um bode*, ao *boi*, ou *fazer um peão*. No momento das refeições, diziam que a *xepa* chegara. Se precisassem ir aos quartos, chamavam-no de *barraco* e referiam-se ao colchão como *prancha*, entretanto nas cartas que escreviam aos familiares, principalmente, às mães, namoradas, ou garotas que pretendiam conquistar, as gírias quase não eram empregadas.

Utilizaremos trechos de algumas cartas ou bilhetes escritos pelos internos para exemplificar esse fato, mantendo, na escrita, a grafia utilizada pelos informantes. Com o intuito de traçarmos o perfil de seus autores, incluiremos alguns dados colhidos no questionário aplicado no início da pesquisa.

1.

Nome: B. A. M. R.

Idade: 15 anos

Sexo: masculino

Estado civil: solteiro

Nº filhos: 1

Escolaridade: 8º série do ensino fundamental

“Para S.

Você é uma pessoa muito *legal*, extrovertida, simpática e muito bonita.

Espero que você nunca esqueça do seu admirador B. tchay 100000 beijos.”

2.

Nome: A. R. R. S.

Idade: 16 anos

Sexo: masculino

Estado civil: solteiro

Nº filhos: 0

Escolaridade: 6º série do ensino fundamental

“ M. você é uma pessoa muito bonita, linda.

Eu estou saindo para o *mundão*. Eu gosto muito de você. Prá mim você não e casada prá mim você sera sempre solteira. Nó final do alto tem como você dar seu telefone prá mim no final do alto se for possível

Quando eu sair para nós podermos conversar melhor.”

3.

Nome: C. S. N.

Idade: 17 anos

Sexo: masculino

Estado civil: solteiro

Nº de filhos: 0

Escolaridade: 2º ano do ensino médio

“ Saudades

Venho por intermédio desta dedicatória, através do conteúdo desta simples caneta que formaram palavras verdadeiras de conquistar um grande espaço em seu coração.

L. *na dereta* me lembro do seu lindo semblante que faz eu ficar com muita saudades suas.

L. quando você me viu e me chamou no dia que eu estava no campeonato de xadrez na musculação, você está mais linda do que antes e mais *gata*.

L. só espero que você não esqueça de mim por eu estar nesta vida.

O meu objetivo é te encontrar e falar com você pessoalmente, quando chegar minha liberdade tenho grandes esperanças que deste ano eu não passo trancado.

Não pense que eu estou escrevendo só por escrever, porque o que eu falo e escrevo eu cumpro.

Ao sair daqui eu irei te procurar o amor que sinto por você. Fala mais forte.

L. fique com Deus eu ficarei almejado esperando uma dedicatória sua.”

Nas cartas transcritas podemos observar que os internos, ao se comunicarem com pessoas que não estão cumprindo medida sócio-educativa, não fazem uso da gíria criptológica, entretanto verificamos o uso da gíria comum: *mundão, legal, gata*.

Nessas cartas há, também, a descontinuidade das frases, o uso do período simples e a dificuldade que os internos encontram para expressar suas idéias. Esses fatos revelam a pouca escolaridade de nossos informantes.

Embora evitem a gíria criptológica nas cartas que encaminham à pessoas que estão fora da instituição, observamos o uso desse vocabulário sem qualquer restrição na correspondência interna.

Durante nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de ler alguns bilhetes endereçados a companheiros. Não foi possível ficarmos com todos os bilhetes, porém um dos nossos informantes permitiu que ficássemos com um:

Nome: D.M.A.

Idade: 17 anos

Sexo: masculino

Estado civil: solteiro

Nº de filhos: 0

Escolaridade: 7º série do ensino fundamental

*A v/c está com
maldadinha a sua
pessoa vai sentir
na pele uma
neurose
tã pego na
maldade*

Ass D. 7 B

Barraco 2 Guarujá

Tchau !!!

Nessa correspondência observamos que a escrita se assemelha a linguagem oral. O uso dessa linguagem pode servir como uma forma de intimidar companheiro.

Por meio do estudo do vocabulário gírio empregado pelos internos da FEBEM, podemos conhecer, também, a visão irônica que eles possuem do mundo. Durante nossa pesquisa, observamos o uso do vocábulo *prancha* para designar colchão. É comum ouvirmos os internos falarem que levarão a *prancha* para outra *praia*, ou seja, trocarão de quarto, colocando o colchão no chão do quarto de um companheiro com quem tem mais afinidade.

A *prancha* é um objeto utilizado no *surf*, um esporte praticado, principalmente, por uma classe economicamente privilegiada, e requer tempo, dedicação e dinheiro, já que a *prancha*, essencial na prática desse esporte, é cara. Segundo nossos informantes, o colchão que recebem para dormir é desconfortável e de má qualidade ao contrário de uma *prancha*, que precisa ser de boa qualidade para evitar acidentes. A ironia no uso dessa gíria é marcante, já que os internos não possuem a liberdade que a imagem do esporte transmite, a condição financeira que os próprios internos acreditam ser necessária para a prática e o acesso à praia, local onde se pratica o *surf* e que reflete vastidão e liberdade.

A linguagem dos internos reflete, também, a visão que os internos possuem deles mesmos. O uso de gírias relacionadas aos bichos ou ao mundo animal é uma prática comum e transmite uma visão animalizada do infrator.

A gíria *cavalo louco* é usada para designar fuga. Quando os internos decidem ajudar alguns companheiros a fugirem pelo portão da frente da UI, o grupo é dividido e cada um tem uma função. Uma parte do grupo fica responsável por encontrar um modo de obrigar um funcionário a abrir o portão de entrada da UI. Quando os internos descobrem uma maneira de sair pelo portão, outra parte do grupo de internos corre, cada um para um lado diferente, desviando a atenção do *pirriú*, do funcionário e da *choquinho*¹⁹ que precisam impedir a fuga. Enquanto

¹⁹ A *choquinho* é um tipo de tropa de choque da FEBEM.

isso, os internos que serão beneficiados pelo *cavalo louco*, podem sair com mais facilidade. Algumas vezes, os internos que não estavam interessados na fuga, conseguem escapar e os que queriam escapar são recapturados.

Tatu é uma metonímia do animal que cava túnel. Assim como o animal, os internos escavam o chão da instituição, construindo túnel para a fuga. É por associação com os infratores que os túneis recebem nome de *tatu*. Apesar de estarem sempre tentando a fuga, os internos não fazem muito uso do *tatu*.

Gaiola é a gíria empregada para designar um espaço localizado dentro da UI e nos remete ao objeto utilizado para prender, geralmente, pássaros. Ao empregar essa gíria o interno está se colocando como o animal que vive preso.

O uso dessas gírias relacionadas ao mundo animal, criadas e empregadas pelos internos, revela a degradação de seus usuários, a imagem distorcida que possuem deles mesmos. Os internos, muitas vezes, reconhecem-se no vocabulário que empregam, acreditam que todas as pessoas os enxergam como bichos e sempre vão desprezá-los.

Ao utilizar a gíria criptológica, o interno diferencia-se da sociedade e não é marginalizado por seu grupo. Ferrero, em seu estudo sobre as gírias da vida marginal, afirma:

O fato de se reconhecer nele, de assumi-lo como próprio e característico de uma condição, é uma necessidade fundamental para o prisioneiro, que nele reconhece, ainda que seja inconscientemente, uma das poucas maneiras – talvez a única – que se pode opor à desagregação da personalidade à qual tende a atual organização carcerária. (1972:13)

Essa linguagem gíria, além de ser uma das formas de comunicação do grupo, é uma forma do internos conquistarem “prestígio social”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse estudo revelou que a linguagem empregada pelos internos da FEBEM é um fenômeno lingüístico presente na oralidade e reflete a condição de vida que eles mantêm em uma instituição corretiva.

Buscamos entender como os integrantes de um grupo marginalizado criam recursos lingüísticos para extravasar seus sentimentos de revolta em relação à sociedade que os excluiu.

Tentamos, ainda, por meio do estudo do léxico gírio, compreender a visão de mundo de seus falantes, pois a linguagem é uma maneira eficaz do indivíduo tornar evidente o estilo de vida específico. Apesar das dificuldades que os internos encontram em seu cotidiano, constatamos que eles possuem uma visão irônica do mundo que os cerca e, principalmente, uma visão distorcida deles.

Verificamos que, por intermédio do vocabulário gírio, os internos mantêm a unidade do grupo e burlam a vigilância dos responsáveis por sua internação. Ao empregar a gíria, os internos utilizam uma das poucas armas de defesa que possuem na instituição e, por isso, tentam manter em segredo o significado desse vocabulário.

Em nosso estudo, fizemos uma análise do grupo marginal primário, formado a partir da relação de afinidade que se estabelece entre os membros desse grupo. Vimos que a coesão desse grupo é preservada, principalmente, pela linguagem que empregam.

A gíria possibilita ao grupo uma comunicação com mais liberdade, assegurando sua proteção e impondo o limite para os indivíduos não-iniciados. A linguagem criptológica utilizada pelos internos serve, ainda, como forma de agressão, exclui a sociedade que os baniu e reflete a indignação que sentem.

Por meio da linguagem, o grupo marginal formado pelos internos da FEBEM demonstra, de maneira bastante expressiva, seus hábitos e costumes. Constatamos que o interno tem pleno domínio do uso da gíria, sabendo que gíria utilizar em cada situação, qual pode ser divulgada e qual deve ter seu significado mantido em segredo.

Essa linguagem possibilita, também, que o interno resgate a sua identidade, determinando o seu *status* social perante aqueles que o rodeiam.

Em determinados momentos, devido a divulgação da gíria criptológica na linguagem comum, o grupo necessita substituir algumas expressões por outras. Nesse caso, ele pode recuperar vocábulos gírios que já entraram em desuso e modificar seu significado ou buscar novos vocábulos na linguagem comum.

Essa linguagem pode servir como forma de denunciar os problemas com os quais o menor infrator se depara, principalmente, em sua interação com seu próprio grupo.

O desenvolvimento desse estudo confirmou a estreita relação existente entre os internos da FEBEM e o vocabulário gírio. Por meio da gíria, portanto, o interno não apenas se comunica, mas, também, conquista uma identidade no grupo e exterioriza suas vontades e necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria (2002). *Neologismo: criação lexical*. 2.ed. São Paulo: Ática.
- BIDARRA, Jorge (2004). *O léxico no processamento da linguagem natural*. 20.ed. Paraná: Editora da Universidade Estadual do Paraná.
- BORBA, Francisco da Silva (1970). *Introdução aos estudos lingüísticos*. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BRÉAL, Michel (1992). *Ensaio de semântica*. São Paulo, Educ.
- CABELLO, Ana Rosa Gomes (1989). *Gíria: Vulgarização de um signo de grupo?* (Estudos a partir de contos de João Antônio). Assis: Tese de doutorado.
- CARVALHO, Nelly (1984). *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense.
- CASCIANI, Clement (1964). *Histoire de l'Argot*. In: LA RUE, J. *Dictionnaire d'Argot*. Paris: Flammarion, p5–54.
- ELIAS, Márcia Maria Martinelli (2000). *A gíria das drogas: uma análise sociolingüística*. São Paulo: Dissertação de mestrado apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- EVANGELISTA, Cleonder (2004). *Luz no fim do túnel: a história de sucesso de um ex-interno da FEBEM*. São Paulo: Arte e ciência.
- FERRERO, Ernesto. (1972). *As gírias da vida marginal, de 1500 até hoje*. Verona: Mondadori.
- FLEXNER, Stuart Berg (1967). Prefácio. In: WENTWORTH, Harold e FLEXNER, Stuart Berg. *Dictionary of American Slang*. New York: Crowell.
- GOFFMAN, Erving (2003). *Manicômios, prisões e conventos*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva
- GUIRAUD, Pierre (1992). *L' Argot*. Paris: Mercure de France.
- GURGEL, J. B. Serra (1990). *Dicionário de gíria: modismo lingüístico, o equipamento falado do brasileiro*. Brasília, DF.

- HORTON, Paul & HUNT Chester L. (1983). *Grupos Sociais*. p. 127-143.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1975). *Linguagem e classes sociais*. Rio Grande do Sul: Movimento. v.7.
- MARTINS, Nilce Sant'anna Martins (2000). *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz.
- MARTINS, Nilce Sant'anna Martins (1997). *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz
- PRETI, Dino. (1984a). *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz: Edusp.
- _____. (1984b). *A linguagem proibida*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- _____. (1996). *A gíria na cidade grande*. Revista da Bibliotexa Mário de Andrade, São Paulo, v.54, p.139-143.
- _____. (2000). *Papéis sociais e formas de tratamento em A ilustre casa de Ramires, de Eça de Queiroz*. In: Beatriz Berrini (org.). *A ilustre casa de Ramires – Cem anos Eça de Queiroz*, São Paulo: Educ/Fapesp.
- OLMSTED, Michael S. (1970). *O pequeno grupo social*. 9.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- REHFELDT, Gládis Knak (1980). *Polissemia e campo semântico: estudo aplicado aos verbos de movimento*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre.
- STELLA, Lea Poiano. (2003). *“Ta tudo dominado”: a gíria das prisões*. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentado a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ULMANN, Stephen (1964). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- URBANO, Hudinilson (org.). (2003). *A gíria: um aspecto de sua criação numa amostragem dicionarizada da fala popular moderna*. In: Dino Preti e seus temas. São Paulo: Cortez.

VENEROSO, Paula Cristina (1999). *A divulgação da gíria na imprensa: a descaracterização de um signo*. São Paulo: Dissertação de mestrado apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VILELA, Mário (1979). *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Livraria Almedina.

Anexos

QUESTIONÁRIO

“Questionário utilizado em pesquisa de campo”- Dissertação de Pós Graduação

Idade:_____ Naturalidade:_____

Estado civil_____ Tem filhos? _____ Quantos? _____

Que série está cursando? _____

Já estudou fora desta instituição?_____

Gosta dos cursos oferecidos?_____

Se pudesse o que mudaria aqui dentro?_____ Por qual motivo esta aqui? _____

Já esteve em outra instituição educativa?_____

Recebe visita? Gosta de receber visita?_____

Como é o relacionamento com os companheiros? _____

Como é sua rotina?_____

Executa algum trabalho na FEBEM?
Qual?_____

Como são as festas comemorativas? (Natal, Páscoa, aniversários)_____

Faz leituras? Qual a sua preferência?

Assiste TV? Qual a sua preferência? _____

Ouve rádio? Qual a sua preferência?

Tem algum vício? _____

Tem religião? Pratica? _____

Glossário

Abraçar – acreditar
A casa assentou – fim de rebelião
A casa subiu – comeou uma rebelião
Aliviar a mente – manter relação sexual
A pampa – é bom
Arrastão – indivíduo que prejudica o grupo ao delata-lo
Arrastar – perder um privilégio por quem alguém quebrou um acordo
Atentou – eu sabia
Back – enforcar alguém até que se perca os sentidos
Balaço – bala de revólver
Barraco – dormitório
Barracão – conjunto de dormitórios
Beca – roupa
Bico/bicudo – funcionário
Boi – banheiro
Bóia – alimentação
Boneca – homossexual
Caçar assunto – arrumar confusão
Cambar – ir embora
Caminhado – fato ocorrido
Canelar – ir embora
Canguru – revista em que o indivíduo nu abaixa-se três vezes
Cão – ânus
Castelar – pensar (mantendo relação sexual)
Chapéu mexicano – falta de informação
Chapô – indivíduo fora de si
Chico doce – arma branca (caibro enrolado em um tecido usado para bater em quem comete alguma falha)
Choque de mente – apavorar alguém
Churrasqueira - grade que cobre o pátio interno
Ciente – saber algo
Cinco Salomão – matador de policial
Cola aí – venha até aqui
Colméia – guarda roupa
Comprar – assumir a briga de alguém
Conspirar – fazer algo contra o grupo
Cordinha – indivíduo que não gosta de dividir o que tem
Coruja – cueca
Cota – tempo
Coxinha – policial
Criaca – fazer intriga
Dar milho – relação homossexual
Dedeira – anel

Deixar cair – não cumprimentar alguém que lhe estende a mão
Derrubar – matar
Desconversar – mentir
Desfazer – ignorar
Disandão – homossexual
Enquadrar – reunir-se para deixar alguém sem saída
Espremão – espremer o indivíduo contra alguma coisa
Esqueirar – falar mal de alguém
Estar bonado - ter muito dinheiro
Estar de boa - não fazer nada
Estar de lagarto - estar cumprindo pena mesmo sendo inocente
Estar de louco - estar desinformado
Estar de touca - estar desinformado
Estar no esqueche – estar no esquema
Estar no pano - ter alguém para defesa pessoal
Estar pesando - pedir tudo o que vê
Estar vendido - não ser informado de alguma situação
Fazer a curva – mentir
Fazer a ponte - passar alguma coisa para outra pessoa
Fazer capeta – provocar curto-circuito
Fazer cinco - esperar um pouco
Fazer um - parar de falar Fazer um corre – correr atrás do que se quer
Fazer uma caibrada - dar uma surra
Fazer um pião - dar uma volta
Febre louca – vontade muita grande de fazer alguma coisa
Ficar de Jesus Cristo - ser amarrado como Cristo na cruz para ser torturado
Ficar de morcego - ser amarrado na janela de cabeça para baixo
Ficar de porquinho - ser amarrado com mãos e pés para trás e ser torturado
Ficar no ovo - ser protegido por alguém
Firmão – bom
Fita – assunto ou acontecimento que já se conhece
Fora de pluma – fora de si
Friaca – frio intenso
Funça – funcionário
Furar lupa – olhar muito
Galinhar – brincar
Gaiola – espaço entre os dormitórios e a quadra, cercada de grades, onde os internos tomam
banho de sol
Gato – pênis
Globo – cabeça
Goro – pinga
Ir de bonde – ser transferido
Ir na bota – ir atrás de alguém
Ir no corre – procurar
Jack – estuprador
Jogar massa – mentir
Levantar a casa – fazer rebelião

Lock – louco
Malaco – esperto
Mano – companheiro
Manta – coberta
Mão branca – policial
Maracondia – drogado
Mil grau – difícil, algo muito difícil
Moscar – fazer algo errado
Mundungo – indivíduo que não toma banho
Não pega nada – não tem problema
Não segurar o refrão – pedir ajuda ao funcionário quando está sendo torturado pelos companheiros
Não vira – não pode, não dá
Negar voz – ignorar
Ninguém abraça – ninguém acredita
Osso – difícil
O que está pegando – o que aconteceu
Pagar brasa – acender um cigarro
Pagar mijão – urinar
Pagar na missão – não cumprir as normas do grupo
Pagar necê – evacuar
Pagar um bode – dormir
Pagar veneno – sofrer
Pé de breque – indivíduo que fala que fez muita coisa, mas não fez nada
Pé de pato – assassino de ladrão
Pela ordem – tudo bem?
Perder a linha – ficar nervosa
Pescar a cena – tentar entender o que está acontecendo
Pic – estilo
Pirriu – funcionário
Pombo – mistura de creme, lama e outros produtos encontrados na unidade de internação
Por no esquema – mandar alguém fazer algo sem que erre nada em troca
Postura – beleza
Pote – cabeça
Praia – espaço entre os beliches
Prancha – colchão
Quieto – espaço onde se coloca um pano para ficar isolado dos demais
Rabiola – indivíduo que copia tudo o que outra pessoa faz
Railander – espécie de espada feita com ferros retirados da estrutura do prédio
Ramelar – estragar
Rato cinza – policial
Robocop – pequena abertura na porta de aço dos dormitórios
Sair do ovo – parar de explorar o companheiro
Seguro – cela onde fica o preso que não pode conviver com os companheiros
Se joga – vá embora
Sem intenção – desculpe-me
Sem maldade – desculpe-me

Subiu – acabou
Sumariar – conversar
T – cigarro
Tirar o castelo – masturbar-se
Tiriça – doença
Tomar enquadro – mão para cima para ser revistado
Touca – desinformado
Trepado – armado
Tudo as pampas – tudo bem
Urubuservar – observar
V – tela que fica acima dos muros (em formato de V)
Varig – avião
Vazar – sair
Vendido – desinformado
Ventana – janela
Voou – puxar o colchão para que quem estiver deitado caia no chão
Vulgo – apelido
X – cela separada onde fica o preso que a UI considera má-influência
Zerar a casa – revista minuciosa da unidade
Zica – doença
Zoião – ficar de olho no que pertence aos outros

RESUMO

Este é um trabalho sobre a linguagem gíria empregada pelos internos da FEBEM. Nosso objetivo é verificar a relação existente entre a vida do interno e seu vocabulário.

Neste trabalho fazemos uma análise do grupo marginal formado pelos internos da FEBEM com o intuito de verificar de que maneira os internos se relacionam e como essa relação influencia diretamente a linguagem que utilizam.

Por ser a gíria uma forma de expressão cultural de um determinado grupo, acreditamos que seja de extrema importância o estudo dessa linguagem restrita, formada a partir do conflito estabelecido por um grupo fechado com a sociedade, pois, por meio dessa linguagem, os membros do grupo descarregam suas emoções e atacam a comunidade maior.

ABSTRACT

This is a work about the vocabulary – a special one – a slang – that is used by the internals of FEBEM.

The slang is a cryptology extracted from common lexis and therefore those words group became part of the vocabulary of one group only. Our aim is to verify the relation between their life and their specific vocabulary.

We made an analysis of this marginal group formed upon the internals of FEBEM with the aim to verify how they relationship with each other and how this relationship influence directly on the way they express themselves.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. O CORPUS	04
2. OS GRUPOS SOCIAIS	08
2.1 Grupos primários	10
2.2 Grupos marginais	12
2.2.1 A internação	15
2.3 Um novo grupo: os novos companheiros	20
3. A GÍRIA	24
3.1 O grupo marginal e a gíria	26
4. PROCESSO DE FORMAÇÃO DA GÍRIA	31
4.1 Empréstimo de língua estrangeira	31
4.2 Deformação dos significantes	32
4.3 Metáforas	34
4.4 Composição por redução de expressões (siglas gírias)	36
4.5 Polissemia	37
4.6 O processo de formação das gírias empregadas pelos internos da FEBEM	40

5. CAMPOS LEXICAIS	54
5.1 Espaço	57
5.2 Alimentação	61
5.3 Interno	63
5.4 Policial	70
5.5 Funcionário	71
5.6 Armas	73
5.7 Torturas/punições	75
5.8 Brincadeiras	77
5.9 Ato de mentir	79
5.10 Atividade sexual	80
5.11 Homossexualidade	82
6. OS INTERNOS DA FEBEM E A GÍRIA	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98